

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

S U M M A R I O

Exibição. — O ambiente das plantas (Capitulo do livro "Science of plants life"), *Edgard Nelson Transeau*. — Curso de aplicação, *Firmino Costa*. — As escolas do futuro, *John Dewey*. — Porque se ensina historia da civilização no curso normal, *Waldemar Tavares Paes*. — Dona Ephigenia, *Aymoré Dutra*. — A disciplina na escola, *Levindo F. Lambert*. — Cotas pedagogicas, *Velle Ferreira*.

A VOZ DA PRÁTICA — DAQUI E DALI

LIVRARIA ALVES

O Mundo na mão, pequena encyclopedia de conhecimentos uteis, 1 vol. com 800 pags. enc. 15\$000.

Candido de Figueiredo — Pequeno Dicionario da Lingua portugueza, 1 vol. com 1.466 pags. enc. 15\$000.

Jayme de Seguiet — Dicionario encyclopedico pratico e illustrado da lingua portugueza, 6.000 gravuras, 110 quadros e 90 mappas, 1 vol. com 1.780 pags. enc. 25\$000.

J. Soares — Atlas historico - geographico universal, o mais completo e moderno existente em portuguez, 1 vol. com 104 mappas primorosamente impressos e coloridos, enc. 25\$000.

PEDIDOS A

Livraria Francisco Alves
Paulo de Azevedo & Cia.

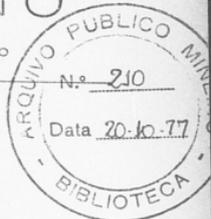
BAHIA 1.052

BELLO HORIZONTE

REVISTA DO ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

EXHIBIÇÃO



Se quereis fazer alguma coisa pelo nosso ensino, dizei por toda parte e a todos os momentos—palavras duras e rijas contra a exhibição.

Não ha, entre nós, vicio que mereça peiores palavras do que esse. E' o grande mal das melhores casas, porque estas, longe de se contentarem com o que são e produzem, querem mostrar muito mais e chegam ao exaggero e á mentira. Em vez de meia duzia de exercicios bem feitos, sentidos, vividos e elaborados com alma pelos alumnos,—apresentam-se-nos centenas de exercicios, tracados mechanicamente, febrilmente, vertiginosamente, onde pode haver tudo, boa letra, quantidade, rapidez, mas onde não se vê o esforço profundo e vivo da aprendizagem. Em vez de um desenho bem feito, mil desenhos. Em vez de um mappa, mil mappas. Em vez de um caderno, centenas de cadernos. E assim por diante.

Não só isso. A exhibição não se satisfaz apenas com o numero, a extensão e a difficuldade dos trabalhos apresentados: quer apresentar trabalhos esquisitissimos e raros, em que se vejam, não o esforço e o proveito dos alumnos, mas a intelligencia, a competencia, o devotamento dos professores.

Que lucro têm os alumnos com esse systema? Elle tem por fim mostrar aos outros o que se fez e o que não se fez. Tem por fim enganar e illudir os outros quanto ao trabalho real de nossas escolas. Tem por fim cobrir, sob falsos ouros, os vãos e os defeitos de nosso ensino.

Valores e virtudes pedagogicas da exhibição: provoca a vaidade dos alumnos, sentimento que entre brasileiros não precisa de ser estimulado, tão vivo é; dá-lhes uma lição concreta de dissimulação e hypocrisia, ensinando-os a falsificar; dá-lhes pessima attitudo para com o trabalho, porque não se satisfazem com os fructos reaes de seu esforço, e querem doiral-os para gaudio dos outros; ensinam o emprego da deshonestidade, como arma na vida, porque passam gato por lebre dando por bons—trabalhos maus e como do alumno—trabalhos dos professores.

Resultados da exhibição: engana os incautos e ignorantes, que se estatelam diante dos desenhos bem feitos e dos exercicios sem borrões, mas não engana os conhecedores do officio, que sabem vêr, debaixo do nome e da mão dos alumnos,—a intervenção do mestre.

É necessario combater essa chaga de mostrar aos outros o que se faz, de só pensar nos outros, de morrer pela opinião dos outros. O professor nada tem com os outros. Deve contentar-se com o justo resultado de seu esforço honesto e habituar os alumnos a considerarem, com orgulho, os pequenos fructos de sua actividade, sejam elles defeituosos e poucos.

A escola não é theatro, nem casa de commercio. O annuncio, o cartaz, a taboleta, se os houver, não são feitos para propaga-la e engrandecel-a. Que a rua, o povo, a platéa, se quizerem visital-a, a vejam tal qual ella é, no seu trabalho singelo e fecundo. Se querem vêr coisas espantosas, vão aos theatros, aos circos, aos cinemas, aos museus, corram o mundo, viajem pelo ceu e pelo inferno,—porque a escola tem os seus objecti-

vos determinados e não deve deformar-se, para encanto de uma platéa ignorante.

A escola não tem necessidade do applauso da rua.

Os alumnos não podem ser julgados pelos adultos ignorantes e superciosos. Os trabalhos não podem ser medidos, por quem não tem em mãos unidades para medi-los. Isso em nada contribue para a fecundidade da escola: os leigos, os ignorantes, de boa ou de má fé, impressionam-se exactamente com os trabalhos que dão na vista, com aquelles productos artificiaes que se collocam nas salas de aulas e nas exposições, á maneira dos guizos e fitinhas vermelhas, com que se prendiam os africanos ou indigenas.

Combatamos a exhibição em nossas escolas. Demos aos nossos mestres e alumnos o orgulho do trabalho que realmente fazem. E convençamo-nos de que falsificar o trabalho escolar, para engano de outros, é uma comedia indigna de um mestre intelligente e honesto.

O AMBIENTE DAS PLANTAS

(Capítulo do livro "Science of plants life")

A observação ainda a mais casual indica que as plantas são grandemente influenciadas pelas condições sob as quaes se desenvolvem. Os prados, as florestas e os desertos da Norte America são revestidos de varias plantas por causa da differença de condições nessas áreas. O carvalho branco crescendo ao ar livre tem ramos largos e uma copa ampla, ao passo que na floresta elle é mais columnar e tem a copa no nível mais elevado da floresta. O bordo torna-se uma arvore grande ou permanece um simples arbusto conforme a estação em que elle cresce num solo rico ou na cavidade de uma rocha.

A estrutura interna de uma planta é tambem modificada pelas condições externas sob as quaes ella cresce; as folhas de muitas plantas que são delgadas e tenras quando ha uma copiosa carga d'agua se tornam grossas e coriáceas e quando crescem sob condições de securra. Desde que as condições de crescimento mostram tão grande influencia na forma, no tamanho, na estrutura, abundancia e distribuição de plantas, poderíamos conhecer os factores principaes que formam o ambiente da planta, antes de proseguirmos no estudo da planta ella propria. Importa principalmente entender esses factores, porque o intuito de grande parte da pratica agricola é modificar o ambiente das plantas que se estão desenvolvendo.

DEFINIÇÃO DE AMBIENTE

Por ambiente de uma planta entende-se o complexo de todas as influencias alheias á planta, que directa ou indirectamente actuam nos seus processos physiologicos, nas suas estruturas, no seu desenvolvimento e na sua propagação. São muitas essas influencias e são communmente denominadas *factores*.

O habitat natural de uma planta é a combinação dos factores ambientes propicios ao desenvolvimento da planta. Esses factores incluem as propriedades physicas e chimicas do solo e do ar que envolve a planta; tambem a luz, a gravidade, e as influencias dos animaes e de outras plantas.

OS FACTORES DO SOLO

Si uma planta está para crescer num solo, este precisa suppril-a de agua sufficiente para a transpiração e para a elaboração da seiva. Ao mesmo tempo o solo precisa não ser tão saturado d'agua a ponto de supprir o ar das raizes. Desde que as raizes possam penetrar promptamente no solo, não será demasiado resistente; mas será sufficientemente compacta para libertar a planta de uma firme ancoragem.

O solo precisa ser tambem abastecido de certos elementos chimicos indispensaveis utilizados pelas plantas na elaboração da seiva. Esses elementos são: a potassa, o calcio, o magnesio, o phosphoro, o nitrogenio, o ferro e o enxofre. Nos solos que encerram doses insufficientes de qualquer dessas substancias o crescimento das plantas é retardado e certas plantas são excluidas de tal solo. Um dos propositos que temos quando usamos adubos chimicos é beneficiar os terrenos ou deixar nelles porções sufficientes de todos os elementos essenciaes para o crescimento vigoroso das plantas de colheita. Deve-se lembrar, que, de envolta com os sete elemntos supra-mencionados, as plantas usam, para a elaboração da seiva, do carbono, do hydrogenio e do oxygenio, que ellas retiram da agua, e do dioxydo de carbono.

A maioria das plantas crescem melhor quando o solo é neutro ou ligeiramente alcalino. O trevo vermelho, a alfafa, a gramma azul, por exemplo, não podem resistir a um terreno acido. Adicionando-se a cal, os solos acidos podem tornar-se neutros ou alcalinos. Isto explica a pratica commum de pôr a cal ou paus de lenha nos terrenos onde desejamos que o capim azul se desenvolva. Algumas plantas são favorecidas por um solo acido. A airella vermelha, o myrtillo, e o capim gordura são exemplos de taes plantas. Nas regiões áridas a evaporação da agua pôde determinar que os saes se acumulem nas camadas superficiaes do solo em tal extensão que a maioria ou a totalidade das plantas sejam delle excluidas Outro factor de grande importancia para o solo é o humus. Essa materia que dá as côres parda e preta para enriquecer as terras de cultura, compõe-se dos detritos

parcialmente caducos das plantas. As folhas e alguns outros órgãos das plantas que caem no chão são lentamente transformados e dissolvidos pelas bactérias e outros agentes, somente até quando o humus escuro, pulverizado subsiste.

O humus favorece o crescimento da planta pelo aumento da capacidade do solo em reservar água e tornar assim mais uniforme a provisão d'água no decurso da estação. Elle melhora as propriedades physicas do solo tornando-o molle. O humus tambem torna isso possivel para as bactérias e outros organismos que augmentam a fertilidade para viverem dentro do solo.

Na literatura agricola a importancia dos factores do solo é mais accentuada. A lavoura, o desterroamento, o arroteamento e a cultura são methodos de conservar o solo em boas condições physicas. Adicionar estrume para augmentar o humus e ajuntar nitratos, phosphatos e outros saes como fertilizantes, são methodos de melhorar a composição chimica do solo, e, em menor escala, a sua condição physica. Regar a terra onde a provisão d'água é inadequada e esgotal-a onde a humidade do solo é excessiva, são ainda meios de melhorar as condições do solo para o crescimento das plantações. O solo exige esses cuidados especiaes para o crescimento das plantas domesticas, porque ellas precisam não só viver, como as plantas silvestres, mas tambem precisam de uma ou de outra forma produzir um rendimento compensador.

A AGUA ATMOSPHERICA

A agua no ar actua directamente sobre as planta, de varios modos. A humidade ou a secureza do ar determinam quando menos agua ou mais agua é exigida para a transpiração, e o coefficiente de agua precipitado do ar em forma de chuva determina em larga escala o coefficiente de agua aproveitavel para o solo. A agua atmosferica condensada em forma de fumaça e de nuvem reduz a transpiração e tambem diminue o coefficiente de luz que chega até á planta.

A distribuição da chuva durante o anno é da maxima importancia para a vegetação. Quando o periodo das chuvas pesadas coincide com a quadra mais quente do anno, as condições são mais propicias para o melhor crescimento das plantas. Si a queda da chuva é escassa durante o tempo das mais altas temperaturas, as plantas são tolhidas no seu crescimento, e só os xerophyts são capazes de resistir a essas condições.

O FACTOR TEMPERATURA

Quando se caminha do norte para o sul a partir do Equador, as temperaturas do solo e do ar decrescem.

O augmento de altitude nas montanhas produz os mesmos effeitos. A temperatura influe directamente na economia dos processos de todas as plantas, e muitas plantas crescem melhor sob certas condições fixas de temperatura. Para as plantas tropicaes, as temperaturas superiores a 90 gráus são muito favoraveis. As plantas temperadas crescem melhor entre 60 e 90 gráus F. As plantas arcticas e alpestres só crescem em temperaturas pouco acima do ponto de congelação.

As temperaturas são grandemente influenciadas pela secureza do ar. O ar frio é mais pesado do que o ar quente; por conseguinte elle se accumula nos terrenos mais baixos e reduz ahi a temperatura. A geada ocorre mais tarde na primavera e mais cedo no outono nos sitios baixos do que nos morros. As plantas de colheita como os feijões, que são facilmente flagellados pela geada, podem ser plantadas mais cedo e crescem mais tarde nas terras altas. O plantio de pesego é mais proveitoso nas terras altas do que no fundo dos valles, porque nas terras altas elles estão mais em condições de escapar ás geadas prolongadas da primavera. O tempo durante o qual a temperatura permanece acima do ponto de congelação é a estação do crescimento. Nos tropicos ella se estende através do anno. Nas regiões arcticas e alpinas ella póde ser reduzida a 2 ou 3 mezes. A temperatura atmosferica e a duração da estação de crescimento determinam o coefficiente de seiva que uma planta póde elaborar e, por conseguinte, a medida de crescimento.

As temperaturas do solo são tambem importantes. Os solos de coloração escura são mais quentes do que os solos ligeiramente coloridos, porque absorvem mais promptamente os raios do sol. Os solos bem drenados são mais quentes do que os solos humidos, porque menos calor é exigido para elevar-lhes a temperatura e porque a temperatura de um solo humido é mais abaixada pela constante evaporação de agua. As terras de cultura mais valiosas são as de coloração escura e bem drenadas. Nas vertentes das collinas do norte, o solo não se torna tão depressa quente na primavera, e as plantas que ahi se desenvolvem iniciam o seu crescimento mais tarde do que as das vertentes do sul das mesmas collinas. Os pessegueiros de mais crescimento preferem não só as terras altas, mas as vertentes do norte. Por que?

A LUZ

O coefficiente de luz utilizavel para a planta depende principalmente da intensidade do brilho do sol. Este é maior nos tropicos e menor nos polos. A somma total da luz é influenciada tambem pela duração do dia. No equador a luz do dia dura 12 horas; no polo, a luz continua durante todo o verão. Assim as plantas tropicaes têm luz intensa durante a metade do anno, ao passo que as plantas arcticas têm luz fraca continuamente durante a estação do crescimento.

Localmente a luz é modificada por nuvens e nevoeiros. Estes predominam mais nas costas maritimas do que no interior das terras e são communs principalmente ao longo das costas do Pacifico desde o Alaska até á California. O declive do terreno, especialmente nas regiões montanhosas, pôde augmentar ou diminuir e a duração da luz do dia. Finalmente, as plantas podem ter sua luz reduzida ou supprida por arvores ou outros objectos.

A GRAVIDADE

A gravidade é um importante factor do ambiente, principalmente por causa da sua influencia na direcção do crescimento nas caules, nas raizes e em outros orgams. A luz influe tambem no crescimento das varias partes da planta. Por conseguinte, a posição dos orgams aereos das plantas é, em larga escala, determinada pelas influencias combinadas da luz e da gravidade.

O VENTO

Os ventos e as correntes aereas são importantes quando affectam a media da transpiração ou modificam a temperatura. Pódem ser tomados 10 minutos para que as nossas mãos molhadas se enxuguem no ar, mas se as espalmamos deante de um ventilador electrico, ellas ficarão enxutas em 2 ou 3 minutos. A passagem de um volume crescente do ar sobre uma superficie humida augmenta a evaporação e o vento affecta a transpiração das plantas pela mesma forma. Enxugando as vossas mãos deante de um ventilador notareis tambem o effecto refrigerante da viração. As folhas são refrescadas da mesma forma pela transpiração. O vento pôde tambem determinar importantes modificações nas formas da plantas, e, occasionalmente, os ventos impetuosos podem destruir largas áreas de arvores plantadas.

OS ANIMAES

Os insectos folivoros, como a barata da batata, fazem mal ás plantas por destruirem o aparelho elaborador da seiva. Calcula-se que os gafanhotos, os louvadeus muitas vezes comem mais capim numa pastagem de que os animaes de criação. Os piolhos das plantas e as lagartas retiram a seiva das cellulas das partes tenras do crescimento e podem matar a planta toda. Outros animaes, como a minhoca, favorecem o crescimento das plantas, porque revolvem o solo e promovem a transformação das folhas cahidas em humus. Os animaes herbivoros (Latim: *herba*, herva, e *vorare*, devorar), como os coelhos, os esquilos e os veados, atacam francamente a vegetação nativa, ao passo que o gado manso, os carneiros, os porcos, occassionam, em grande escala o exterminio das plantas nos pastos. O homem, mais do que todos os outros animaes juntos, modificam a vegetação natural da terra. Em alguns casos, elle a destruiu; em outros, a fomentou e a protegeu. Mais do que todos, elle seleccionou certas plantas e formou com ellas a provisão do alimento para o mundo.

OUTRAS PLANTAS COMO FACTORES DO AMBIENTE

Outras plantas, como os joios, crescendo entre as roças cultivadas, podem modificar o ambiente das plantas, ensombrando-as, retirando a agua do solo, e possivelmente produzindo substancias venenosas no solo. Ora, uma planta pôde affectar directamente a outra, crescendo nesta e tirando della o seu sustento. Por exemplo, a agarico cresce nas arvores e as prejudica. A mangra do milho e a ferrugem do trigo vivem nessas plantas e diminuem ou impedem a produção do grão.

A COMPLEXIDADE DO AMBIENTE

O ambiente das plantas é constituído de muitos factores, e os factores, elles proprios, são mais ou menos dependentes uns dos outros. Por conseguinte, é muitas vezes difficil determinar precisamente a causa de um effecto particular, que foi indubitavelmente produzido por alguma causa do ambiente. Mas, ao passo que os nossos conhecimentos de botanica progredem, nós nos habilitamos mais e mais a relatar os effectos que observamos nas plantas, para definir os factores do seu ambiente. O fazendeiro, o jardineiro, ou o

dono de mattas está muitas vezes habilitado a utilizar os seus conhecimentos tornando o ambiente mais favoravel para as plantas que cultivam.

SUBDIVISÕES DA BOTANICA

Tres das grandes subdivisões da botanica são a morphologia, a physiologia e a ecologia. O estudo da estrutura das plantas é morphologia (Grego: *morphos*, forma, e *logos*, estudo). O estudo dos processos das plantas taes como a transpiração e a photosynthese, é physiologia da planta (Grego: *physis*, naturaes, e *logos*, estudo). O estudo das estruturas e processos das plantas em relação ao ambiente, ou como ellas são modificadas pelos factores que formam o ambiente, e chamado ecologia (Grego: *oikos*, casa, e *logos*) ou botanica ecologica. Já que o ambiente determina quaes as plantas que podem viver num sitio particular, a ecologia abrange tambem o estudo da distribuição das plantas na superficie da terra e as tentativas para explicar essa distribuição. Por essa razão os factores do ambiente são tambem chamados factores ecologicos; e as transformações que adaptam as plantas aos seus habitats particulares podem ser chamadas ecologicas.

EDGARD NELSON TRANSEAU

(Professor da Universidade de Ohio, U. S. A.)

CURSO DE APPLICAÇÃO

Commemorou-se, ha poucos annos, o centenario da escola primaria em o nosso paiz. A imprensa reproduziu então a lei de 15 de outubro de 1826, que creou "escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Brasil".

O Curso de Applicaçào, instituido pela reforma do ensino normal, assignala para o Estado de Minas um acontecimento de não menor vulto do que representa para o Brasil a criação da escola primaria. Não se divise nestas palavras qualquer traço de exageração, pois que faz muitos annos, em uma conferencia pedagogica, eu já preconizava a idéa concretizada no referido curso.

Sem duvida não se pôde prever pela sua nascente toda a extensão e utilidade de um rio, mas no tocante á educação do povo é possível conjecturar, pelos mananciaes que são as escolas, toda a amplitude e intensidade de seu desenvolvimento. Ora, o valor das escolas está no professorado, e o valor deste deriva do ensino normal, a quem cabe preparal-o. Mas, esse ensino vale, por sua vez, o que valem os professores encarregados de ministrall-o. O ponto de partida da educação fica por esta fórma adstricto ao corpo docente das escolas normaes.

No concernente á organização destas, teriamos nós atingido o seu ideal? Que nos responda aquelle que traçou magistralmente a apresentação da reforma: "O ideal seria que as escolas normaes se destinassem exclusivamente á sciencia e á pratica das technicas profissionaes, feitos os estudos preparatorios em estabelecimentos de ensino secundario. O regulamento procurou approximar-se desse ideal, permitindo que as disciplinas do curso preparatorio sejam estudadas fóra da escola, podendo o candidato prestar os exames respectivos, afim de matricular-se no Curso de Applicaçào, que encerra o curso normal propriamente dito".

Si eu quizesse, por conseguinte, expressar-me com a devida precisão de linguagem dentro dos ideaes educativos, poderia redigir nestes termos a alludida ephemeride: — "A 4 de abril de 1928, no edificio da Escola Normal de Bello Horizonte, presente o Secretario do Interior, dr. Francisco Campos, é inau-

gurado o Curso de Applicaçào, o qual, pelo seu caracter exclusivamente pedagogico, pôde ser considerado como a primeira escola normal instituida em Minas Geraes, cabendo a gloria de sua creaçào ao Governo do dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Presidente do Estado."

As escolas normaes, até hoje mantidas entre nós, eram institutos de caracter mixto, mais propedeuticos do que profissionais. Assim, sem de longe desmerecer a aççào patriótica dos organizadores do ensino e sem diminuir os louvaveis esforços do pessoal docente, seja-me permittido qualificar o Curso de Applicaçào como a primeira escola normal, propriamente dita, que se funda no Estado de Minas.

O referido curso promove o ensino normal á categoria de ensino universitario, por isso que lhe concede para esse fim as qualidades intrinsecas exigidas. Tal acontecimento constitue a mais valiosa das realizações em prol de nosso apparelho escolar. A grande reforma, effectuada pelo Governo João Pí-neiro, que creou os grupos escolares, apesar de sua reconhecida magnitude, não atingiu as fontes do ensino, visto que deixou de estabelecer um curso tecnico especial para a formaçào de professores. Todas as reformas anteriores á actual incidem nessa falha, que impossibilitava ao curso primario seguir desassombradamente o novo rumo, pelo qual, aliás tanto se desvelaram os seus organizadores.

Embora versado em conhecimentos propedeuticos, ia o professor primario reger ás cegas a sua classe, ignorando a psychologia da creança, a arte de educar e a finalidade da escola. Dahi, não poucas vezes, esforços improficuos para manter a disciplina, dispendio excessivo de energia para executar o programma, sacrificio diario para cumprir o regulamento. O trabalho escolar, pela sua natureza factor de ordem, de attraçào e de interesse, transmudava-se em causa de indisciplina, de indiferença e de tedio...

O professor contava aperfeiçoar o ensino por meio da pratica, como si esta pudesse fazel-o redescobrir a didactica. A pratica, si não representa applicaçào da theoria, equivale á rotina. Sem a verdadeira pratica, que repousa na theoria, o ensino fica estacionario, quando não retrocede.

"O fim de seu trabalho, diz Herbart, é preciso que o educador o veja deante dos olhos, claro como uma carta geographica ou ainda, si possivel, como o plano fundamental de uma cidade bem construida, onde as direcções similhantes se cruzem uniformemente, e onde o olhar possa, sem preparaçào anterior, orientar-se por si mesmo".

O Curso de Applicaçào, instruindo o professorado tanto na pratica como na theoria pedagogica, illuminará todo seu trabalho. Os professores conseguirão produzir mais e melhor com menor esforço. Então, quanto mais cultura profissional possuirem, tanto mais suavizarão o trabalho, como consequencia natural de melhor technica. De outra sorte, irão exgotando a energia dentro de uma aççào infructifera e cada vez mais penosa. Como que o trabalho se vingá daquelles que não sabem tratá-o bem...

Não é necessario descrever o Curso de Applicaçào. No regulamento do ensino normal e na exposiçào que o precede encontra-se elle cabalmente descripto. Póde-se dizer, foi em um momento da mais inspiraçào patriótica que se normalizou o ensino normal do Estado, releve-se-me a expressào.

O novo curso compõe-se de cinco cadeiras que de sobra lhe garantem a eficiencia. A primeira dellas, *psychologia educacional*, revelará aos futuros professores a alma da creança, "a coisa mais respeitavel que existe no mundo."

A segunda cadeira intitula-se *biologia e hygiene*, tanto vale dizer, o estudo do organismo humano e de sua preservaçào. Excusa de enaltecer a influencia benefica de taes conhecimentos, em cuja posse o professor ficará apto para prestar optimos serviços á escola e á sociedade, junto das quaes avultará o seu prestigio.

Duas outras cadeiras, *methodologia e pratica profissional*, acham-se planejadas de modo a habilitarem o futuro educador na sua difficilissima tarefa. Elle entrará a dirigir a classe bem apercebido de longo e intelligente tirocinio.

Mais uma cadeira, *historia da civilizaçào particularmente historia dos methodos e processos de educaçào*, apresentará aos alumnos toda essa collaboraçào notavel, que desde a antiguidade, por entre mil esforços e sacrificios, vem mantendo o progresso do mundo, agora em pleno vigor, graças ao movimento educacional, cada vez mais intenso nos paizes cultos.

Um curso preparatorio bem projectado, o estudo da alma e do organismo da creança, o conhecimento da hygiene, a arte de ensinar, a pratica pedagogica, a historia da civilizaçào, eis o que offerece aos alumnos a reforma do ensino normal.

Os programmas primarios occupam logar proeminente na reforma, a qual insiste em que elles sejam estudados a fundo no Curso de Applicaçào. Todo o ensino ahi ministrado tende á preparaçào dos alumnos para bem executar-os, imprimindo-lhes caracter educativo e adaptando-os á mentalidade infantil. Os programmas hão de ser tidos como bons auxiliares dos profes-

sores, aos quaes compete interpretal-os de fórma que elles jamais concorram para o cerceamento da actividade das creanças, seja perturbando-lhes o crescimento mental, seja tolhendo-lhes o desenvolvimento physico.

Não era bastante que o ensino normal fôrmasse a mentalidade do professor e lhe concedesse a technica magisterial: importava-lhe tambem garantir esse preparo, habituando aquelle ao estudo methodico. A reforma prevê a este caso, tornando obrigatoria a frequencia da bibliotheca convenientemente aparelhada, que cada escola normal deverá possuir. A frequencia da bibliotheca, dispõe o regulamento, será observada e fiscalizada, de modo que por ella passem todos os alumnos.

A escola ha de ser considerada como um estagio para a bibliotheca. Esta prolonga-se por toda a vida, ao passo que aquella limita-se a poucos annos. A bibliotheca é a successora legitima da escola, a continuadora mais sollicita da educação, a melhor companheira da existencia. Seja pequena ou grande, ella deve fazer parte do lar, frequentada pela familia, como o santuario da intelligencia. Ella nos deleita, instrue e moraliza; ella nos vae prestigiando aos poucos perante os amigos, os conterraneos e a sociedade. Abrindo-nos o entendimento, descortinando-nos outros horizontes, alentando-nos os esforços, a bibliotheca, generalizada e utilizada que seja, transformará o Brasil, como já tem transformado varios paizes.

O exemplo de Benjamin Franklin merece lembrado: — "Desde creança, diz elle, que gostei muito de ler, e gastava sempre em livros todo o dinheirinho que me vinha parar ás mãos."

Eu quizera que, nas palestras entre professores e funcionarios do ensino, viessem á baila assumptos como estes, tratados sempre com interesse: *desejo conhecer sua bibliotheca; apresente-me suas notas de leitura; qual o livro que agora está lendo; que revista pedagogica assigna; quero ver seu caderno de poesias escolhidas; possui retratos dos grandes educadores, etc.*

Os mestres teem deante de si, em suas classes, grande parte da futuro da Patria. Cada classe primaria compõe-se quasi toda de meninos, que somente irão frequental-a. O tempo tão exiguo, que pertence á escola, torna-se por isso mesmo ainda mais precioso. O mestre não pôde desperdiçal-o, porque seria enganar os alumnos e trahir os deveres profissionaes.

A elle cumpre fornecer o ensino optimo. Será uma falta imperdoavel deixar de fazel-o. Que estude, prepare as lições, ame déveras o seu trabalho, e que em caso algum sacrifique as creanças. O Estado jamais deveria tolerar o mau professor.

Si elle não mantem um collector que defrauda as rendas publicas, como pôde conservar um professor que prejudica os alumnos?

Ensino que seja efficiente, e mais que se dê aos alumnos a capacidade de aprender. Na bibliotheca elles exercerão tal capacidade. Encaminhando-os para esse fim, o mestre como que passará a reger duas classes, a do presente que é a escola, e a do futuro que é a bibliotheca.

Ha toda a conveniencia em que o Curso de Applicação, alem da bibliotheca geral, organize pequenas bibliothecas pedagogicas para servirem de modelo aos alumnos. Poderia neste caso instalar tres estantes, de cincuenta, de cem e de duzentos volumes. Seriam bibliothecas destinadas ao professor primario, com os respectivos preços, podendo o Estado fornecel-as pelo custo.

Uma estrada, que se abre para regiões fertes, attrahe povoadores, suscita ambições e desperta energias, fazendo brotar o progresso em iniciativas pujantes. O Curso de Applicação, estrada nova nos dominios do ensino popular, irá percorrer regiões inexploradas em nossas escolas.

Perlustrando essa estrada, o futuro professor terá de acompanhar a marcha da civilização desde o seu alvorecer no Egypto, cerca de 4.000 annos antes de Christo, até nossos dias de intensissimo progresso; verá desdobrar-se no campo formoso e fecundo da psychologia a vida mental das creanças; conhecerá a estrutura e constituição do corpo humano, bem como as normas da hygiene; compenetrar-se-á dos methodos e processos adequados á finalidade educativa do ensino; habilitar-se-á, mediante a pratica profissional, a ser verdadeiro educador.

O Curso de Applicação vem renovar esperanças e possibilidades do ensino normal e primario, vem projectar novas idéas e aspirações novas no porvir da educação popular. Para se lhe fazer condigna recepção, renovem-se tambem os corações de professores e de alumnos, renovem-se em todos elles os idéas, as dedicações, a perseverança e o optimismo.

AS ESCOLAS DO FUTURO

A EDUCAÇÃO COMO DESENVOLVIMENTO NATURAL

"Não conhecemos a infancia com as falsas idéas que della temos; quanto mais longe vamos, mais nos extraviamos.

Os autores mais discretos se consagram ao que mais importa saber aos homens, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender". Estes aphorismos são typicos do Emilio, de Rousseau. Este insiste em que a educação actual é má, porque os paes e os professores pensam sempre na actuação dos adultos, e que toda reforma depende de dirigir a atenção ás facultades e debilidades das crianças. Rousseau disse e fez muitas cousas absurdas. Mas sua insistencia em que a educação se baseie sobre as capacidades nativas dos que hão de ser ensinados, e sobre a necessidade de estudar as crianças para descobrir quaes sejam estas originarias disposições, sóa como a nota tonica de todos os esforços modernos pelo progresso da educação. Quer dizer isto que a educação não é algo que ha de ser imposto violentamente ás crianças e adolescentes, de fóra para dentro, sinão que é o crescimento das capacidades com que são dotados os seres humanos desde o seu nascimento.

Desta concepção dimanam as varias considerações que desde sua epoca os reformadores da educação têm accentuado. Ha que dirigir a atenção, em primeiro lugar, a um facto que os educadores profissionaes esquecem constantemente: o que se aprende na escola é, na hypothese mais favoravel, sómente uma parte pequena da educação, uma parte relativamente superficial; e, sem embargo, o que se aprende na escola cria distincções artificiaes na sociedade e afasta as pessoas umas das outras. Consequentemente, exaggeramos o valor da instrução escolar, comparado com o que se ganha no curso ordinario da vida. Devemos, não obstante, rectificar este exaggero, não desprezando a instrução escolar, mas sim examinando aquella

extensa e mais efficiente educação conferida pelo curso ordinario dos acontecimentos, para illuminar os melhores processos de ensino dentro das paredes da escola. Os primeiros annos de instrução transcorrem rapida e seguramente antes de irem as crianças á escola, porque esta instrução se acha estreitamente relacionada com os motivos fornecidos pelas suas proprias forcas e com as necessidades que são dictadas por suas proprias condições. Rousseau foi o primeiro a vêr que a instrução é um objecto de necessidade; é uma parte do processo de autoconservação e de crescimento. Se quizermos, pois, averiguar como se verifica a educação com o maior exito, dirijamo-nos ás experiencias das crianças, em as quaes a instrução é uma necessidade, e não ás praticas das escolas, onde ella é um adorno, uma cousa superflua e, mesmo, uma imposição desagradavel.

As escolas, entretanto, agem sempre em sentido opposto a este principio. Recolhem a instrução accumulada dos adultos, material que é, por completo, inadequado ás exigencias do crescimento, e intentam inculca-la ás crianças, em lugar de averiguar o de que estas crianças necessitam á medida que se desenvolvem. "Um homem necessita, naturalmente, conhecer muitas cousas que parecem inuteis para uma criança. Deve a criança aprender, pode a criança aprender tudo o que o homem tem que saber? Tratae de ensinar a uma criança o que é util para ella como criança, e verificareis que isso occupa todo o seu tempo. Porque instar com ella a que emprenda estudos de uma idade que não pôde alcançar nunca, e a descuidar aquelles outros que satisfazem suas necessidades presentes? Mas, perguntareis, não será demasiado tarde para aprender o que deve conhecer quando chegue a época de utilizal-o? Eu não posso contestar, porém sei isto: que é impossivel ensinál-o antes, pois os nossos verdadeiros mestres são a experiencia e o sentimento, e o homem adulto não aprenderá nunca o que lhe convém, salvo com as suas proprias condições.

Um menino sabe que ha de chegar a ser um homem; todas as idéas que possa ter a respeito da condição do homem, são outras tantas oportunidades para a sua instrução, mas permanecerá em completa ignorancia daquellas idéas que ultrapassem sua intelligencia. Toda a minha obra é um contínuo argumento em apoio deste principio fundamental de educação." Provavelmente, o erro maior e mais universal que commetemos todos é esquecer que a instrução é um meio necessario para tratar com situações reaes. Ainda chegamos ao ponto de suppôr que o espirito é naturalmente adverso á instrução, o que é o mesmo que imaginar que os orgams digestivos são op-

postos ao alimento, e que hão de ser subornados ou intimados para fazer algo com elles. Os methodos existentes de ensino proporcionam completa evidencia em apoio da opinião de que os espiritos se oppõem á aprendizagem, ao seu proprio exercicio. Não vemos que tal aversão seja, em realidade, uma condemnação de nossos methodos; um indicio de que apresentamos materiaes de que o espirito, em seu estado actual de desenvolvimento, não tem necessidade, ou antes, de que os apresentamos com taes meios que occultamos a necessidade real.

Sigamos adiante. Sabemos que só um adulto pode realmente aprender as cousas de que necessita o adulto. Seguramente este se acha muito mais disposto a aprender as cousas que lhe convém, quando seu appetite de saber se mantém alerta, que quando um regimen prematuro de alimentação adulta amorteceu esse desejo. Somos de pouca fé e lentos na crença. Estamos continuamente inquietos pelas cousas que nós os adultos, conhecemos, e tememos que a criança não as aprenda nunca, a menos que nella sejam insinuadas pela instrução antes que para a mesma tenham uma utilidade intellectual ou pratica. Se chegassemos realmente a crer que, attendendo ás necessidades do crescimento presente, se manteriam igualmente occupados o professor e a criança, e que se ministraria tambem melhor garantia possivel da instrução necessitada no futuro, a transformação dos ideaes podia realizar-se de prompto, e outras mudanças desejadas se verificariam amplamente, de um modo espontaneo. Não é de admirar, pois, que Rousseau predique a necessidade de nos mostrarmos propicios a perder o tempo: "A maior, a mais importante, a mais proveitosa regra de educação é: não economisar tempo, sinão perdê-lo. Se a criança pulasse, de um salto, do seio materno á idade da razão, a educação presente seria inteiramente adequada; mas o seu crescimento natural exige uma educação completamente differente. E diz ainda: "A totalidade do nosso methodo actual é cruel, pois consiste em sacrificar o presente ao remoto e incerto futuro. Ouço de longe as vozes da falsa sabedoria que ainda nos empolga, que considera o presente como nada e que infatigavelmente tenta alcançar um futuro que foge á medida que o perseguimos; uma falsa sabedoria que nos arranca do unico lugar que temos, sem nunca nos dar outro novo." Em resumo: se a educação é o adequado crescimento das tendencias e facultades, o unico meio para assegurar as condições da vida adulta é prestar attenção ao processo do crescimento na *fôrma particular em que se verifica cada dia*. A madureza é o resultado da lenta evolução das facultades. A razão necessita de tempo; não pôde ser apressada sem prejuizo. A verdadeira significação da infancia é que constitue a epoca do crescimento, do desenvolvimento. Desprezar as forças e necessidades da infancia, em vista das acquisições da vida adulta, é, por consequente,

tentar contra a propria vida. Assim "guardae respeito á infancia e não vos apressureis a julgal-a boa ou má. Dae tempo á natureza para obrar antes de tomar a vosso cargo seus assumptos, afim de não entorpecer sua conducta. Asseguaes que conheceis o valor do tempo e temeis gastal-o. Não observaes que é uma perda maior de tempo empregal-o mal que nada fazer, e que uma criança mal ensinada está mais distante da bondade que outra que não aprendeu nada em absoluto. E atemorizae-vos vendo-a gastar os primeiros annos sem nada fazer. E que, então? Não é ser feliz, correr e saltar todo o dia? Nunca volverá a estar tão occupada em toda a sua vida. Que pensaríeis de um homem que não quizesse dormir por medo de gastar parte de sua vida?" Reverencia para com a infancia é o mesmo que reverencia para com as necessidades e facilidades do desenvolvimento. O nosso erro tragico é que estamos tão inquietos pelos resultados do crescer que descuidamos o processo do crescimento. "A natureza faria as crianças serem crianças antes que fossem homens. Se tratarmos de inverter esta ordem, produziremos um fructo forçado, verde e insipido, fructo que apodrece antes que possa madurar... A infancia tem seus proprios meios de pensar, ser e sentir."

O crescimento physico não é igual ao crescimento mental, mas coincidem ambos no tempo, e normalmente o ultimo é impossivel sem o primeiro. Se quizermos guardar acatamento á infancia, a nossa primeira norma especifica será assegurar um desenvolvimento physiologico são. Mesmo aparte o seu valor intrinseco como fonte de acção efficiente e de felicidade, o desenvolvimento adequado da intelligencia depende directamente do uso appropriado dos musculos e dos sentidos. Os organs da acção e da reacção são indispensaveis para entrar em relação com os materiaes do conhecimento. A primeira occupação da criança é a autoconservação. Esta não quer dizer meramente manter-se vivo, sinão conservar-se a si mesmo como um ser em crescimento, em evolução. Consequentemente, as actividades de uma criança não são tão sem objecto como parecem aos adultos, mas antes são os meios pelos quaes se informa do seu mundo e pelos quaes aprende tambem o uso e os limites de suas proprias forças. A actividade constantemente inquieta das crianças parece sem sentido ás pessoas adultas, simplesmente porque estas se acostumaram ao mundo que as rodeia, e assim não sentem a necessidade da continua experiencia. Mas quando se irritam com o movimento incessante de uma criança e intentam reduzi-la a um estado de quietude, embaraçam a sua felicidade e saude, e a separam do seu principal meio de conhecimento real. Alguns inves-

tigadores têm visto como um estado physiologico são é uma condição *negativa* de evolução normal mental; Rousseau, porém, se antecipou á nossa psychologia actual quanto á extensão em que a acção dos orgams da sensibilidade e do movimento, como causa positiva do desenvolvimento da intelligencia.

"Se seguís regras que são o contrario da pratica tradicional, e em vez de manter o vosso discipulo longe, no campo, de caminhar para lugares afastados, paizes distantes, remotas centurias, confins do mundo, e até o proprio céo, o orientaes para si mesmo, para as suas proprias occupações, será capaz de perceber, recordar e raciocinar na ordem natural do desenvolvimento. A' medida que a criatura sensível se converte em um ser activo, seu discernimento marcha paralelo ao augmento de sua força. Antes que a força se desenvolva além das necessidades da auto-conservação, não se manifesta a facultade da especulação, pois esta é a facultade de empregar a força superflua em outros fins, além dos necessarios. Por consequencia, se cultivaes a intelligencia do vosso discipulo, cultivaes a força que está destinada a dominar. Dae a seu corpo exercicio constante; tornae a este vigoroso e são para fazer aquelle bom e sabio; fazei com que trabalhe, que execute empresas, que corra e salte, que vá e venha... E' um erro lamentavel imaginar que a actividade physica impede o trabalho da intelligencia, como se estas duas classes de actividade não devessem avançar concordes, e como se uma não estivesse destinada a *actuar como guia da outra*." Na passagem que se segue, Rousseau é mais terminante quanto á maneira com que as actividades physicas, que conduzem á saude e ao desenvolvimento da intelligencia, reforçam ás demais: "O exercicio physico nos ensina a empregar a nossa força, a perceber a relação entre o nosso proprio corpo e os mais proximos, a usar os instrumentos naturaes que estão ao nosso alcance e se adaptam aos nossos sentidos... Aos dezoito annos ensinamos nas nossas escolas o uso da alavanca; todo rapaz de aldeia, de doze annos, sabe empregar uma alavanca melhor que o mais dextro mecanico na academia. As lições que se dão os alumnos uns aos outros no campo de jogo são cem vezes de mais valor que as que se realizam na sala de aula. Observae a um gato quando entra pela primeira vez num quarto. Vae de um lado para outro; fareja em redor de si e examina todas as cousas. Não está tranquillo um momento. O mesmo ocorre com uma criança quando começa a andar e entra, por assim dizer, no quarto do mundo que a rodeia. Utilizam ambos a vista, e a criança emprega suas mãos como o gato seu nariz." "Como o primeiro impulso natural do homem é medir-se com seu ambiente, procurar em cada objecto que vê as qualidades que lhe podem convir, seu estudo inicial é uma

especie de physica experimental para a sua propria conservação. Mas se se afasta disso e se se dedica a estudos especulativos antes de que tenha encontrado o seu proprio lugar no mundo. Logo que seus delicados e flexiveis membros e agudos sentidos podem adaptar-se aos corpos sobre os quaes pretende actuar, vem, então, a epoca de exercitar seus sentidos e membros em seus proprios assumptos e de aprender a relação entre elles e as cousas. Os nossos primeiros mestres em philosophia natural são nossos pés, mãos e olhos. Substituil-os por livros não nos ensina a reflectir, ensina-nos a utilizar a razão de outro mais que a propria, ensina-nos a crêr muito e a conhecer pouco." Antes que possaes adquirir uma arte deveis adquirir os instrumentos; e se quereis fazer bom uso de vossos instrumentos, devem ser elles construidos com solidez sufficiente para resistir ao uso. Para aprender a pensar devemos, portanto, exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos orgams corporaes, pois são elles os instrumentos do intellecto. Afim de fazer o melhor uso destes instrumentos, o corpo, que nol-os ministra, deve manter-se forte e são. Não sómente é um erro que a verdadeira razão se desenvolva independentemente do corpo, sinão que uma boa constituição physiologica torna o trabalho mental facil e correcto." O topico mostra quão distante estava Rousseau de considerar o desenvolvimento corporal como um fim completo em si mesmo. Indica tambem quão adeante marchava da psychologia do seu tempo, na concepção das relações dos sentidos com o conhecimento. A idéa corrente que prevalece demasiado ainda em nosso proprio tempo — era a de que os sentidos são uma especie de passagem ou avenida, através dos quaes caminha impressões, reconstruidas após, pelo conhecimento, as imagens do mundo. Rousseau viu que são uma parte do apparelho da acção pelo qual nos adaptamos ao nosso ambiente, e que, em vez de passivos receptaculos, estão directamente relacionados com as actividades motoras, com o uso das mãos e dos pés. A este respeito, foi mais adiantado que alguns dos seus successores, os quaes accentuaram a importancia do contacto sensível com os objectos, pois representavam os sentidos simplesmente como fornecedores de informação sobre os objectos, e não como instrumentos de adaptação necessaria dos seres humanos ao mundo que os cerca. De conseguinte, ainda quando Rousseau fale muito dos sentidos e suggira alguns jogos para cultural-os, nunca faz do mesmo exercicio dos sentidos um objecto com substantialidade propria. "Não é bastante, diz, utilizar os sentidos com animo de adextral-os; devemos aprender a julgar por meio delles; não podemos realmente vêr, ouvir e tocar se não aprendemos antes.

Um uso simplesmente mecanico dos sentidos pode fortalecer o corpo sem desenvolver o juizo. E' muito bom nadar, correr, saltar, jogar pião, atirar pedras. Mas, da mesma maneira que braços e pernas, temos olhos e ouvidos, e estes orgams existem necessariamente para aprender o uso dos restantes. Não exerciteis, pois, meramente a força, se não exercitae os sentidos como as facultades mediante as quaes se dirige a força. Fazei o melhor uso de cada um delles e confrontae os resultados de uns com os outros. Medi, contaes, pesae, comparae. Não useis a força até que tenhaes avaliado a resistencia; fazei com que a apreciação do effeito preceda sempre a applicação dos meios. Fazei com que a criança se interesse em evitar os esforços superfluos e insufficientes. Se lhe ensinaes a calcular as consequencias do que faz e depois a corrigir os erros de sua previsão pela experiencia, quanto mais agir mais prudente será". Advertir-se-á agora um contraste maior entre o ensino que dirige o crescimento natural e o ensino que impõe as aquisições dos adultos. Este ultimo methodo premeia a informação acumulada em fórma de symbolos. Dá mais importancia á quantidade que á qualidade do crescimento; exige mais resultados, que podem exhibir-se ao ser perguntado, que um methodo e uma aptidão pessoas. O desenvolvimento accentua a necessidade de um trato intimo e extenso com um pequeno numero de situações typicas, com o proposito de dominar o meio de resolver os problemas da experiencia, e não de amontoar informações. Como Rousseau indica, a facilidade com que as crianças vêm em ajuda de nossos falsos methodos é uma constante fonte de decepção para nós.

Sabemos ou imaginamos saber o que significam as expressões, e assim, quando a criança usa a fórma adequada das palavras, attribuímos-lhe a mesma comprehensão.

"A apparente facilidade com que as crianças aprendem é a sua ruina. Não vemos por que esta mesma facilidade prova que não aprenderam nada. Seu cerebro limpo e polido reflecte simplesmente, como um espelho, as cousas que lhe mostramos." Rousseau descreve em uma frase o defeito de ensinar *sobre* cousas, em lugar de conduzir ao trato com as relações das proprias cousas. "Pensaes que lhe ensinaes o que é o mundo; ella sómente aprende o que é o mappa". Extendei o exemplo da geographia a todo o vasto reino do conhecimento, e tereis a chave da maior parte do nosso ensino, desde a escola primaria até a universidade. Rousseau pensa no methodo opposto quando diz: "Entre as muitas abreviações da sciencia necessitamos de uma que nos ensine a arte de aprender com difficuldade." Como se imagina, sua idéa não é fazer as cousas difficeis por fazel-as difficeis, mas para evitar a simulação de ensino que se

encontra na repetição das formulas do ensino, e para substitui-la pelo lento e seguro processo da investigação pessoal. Os livros de texto e as leituras dão os resultados dos descobrimentos de outros homens, e assim parece que ministram uma abreviação do conhecimento; mas o que se consegue é justamente uma reprodução inintelligivel de symbolos, sem nenhuma explicação dos proprios factos. O resultado ulterior é a confusão mental; o alumno perde sua firmeza mental originaria; seu sentido da realidade é minado. "A primeira frase inintelligivel, a primeira cousa feita com a garantia da autoridade de outro, sem a visão, pelo alumno, de seu significado, é o começo da ruina da razão." E, além disso: "Sobre que ireis fazel-o pensar, quando pensaes tudo por elle? (E não devemos esquecer que o material organizado dos nossos textos e licções fixas representam o pensamento dos outros).

"Depois completaes a obra, desacreditando o raciocinio de sua intelligencia, fazendo-o utilizar toda a razão nas cousas que lhe parecem de menos applicação."

Se era verdade na epoca de Rousseau que a informação, o conhecimento, como um fim em si, é um "oceano insondavel e sem praias", é ainda mais certo que o progresso da sciencia desde essa época torna absurdo identificar a educação com a mera accumulção de conhecimentos. A critica frequente da educação actual, por isso que esta dá a impressão frivola e superficial de um numero grande e vario de materiaes, é justa. Mas o remedio desejado não se encontrará em um retrocesso ao ensino mecanico e secco das tres materias tradicionaes (leitura, escripta e arithmetica), e sim em uma renuncia ao nosso desejo febril de esgotar o dominio completo do conhecimento nos diverss estudos, com o proposito de satisfazer as exigencias que se apresentam. Ha que substituir esta futil e nociva finalidade pelo ideal melhor de pôr-se em relação com um curto numero de experiencias typicas, por um processo que permita apoderar-se dos instrumentos da instrução, e apresentar situações que despertem nos alumnos o desejo de adquirir successivos conhecimentos. Com o methodo convencional de ensino, o alumno aprende o mappa em lugar do mundo, o symbolo em vez do facto. O de que necessita realmente o alumno, não é uma exacta informação sobre topographia, porém, o meio de encontrar-a por si mesmo. "Vede a differença que existe entre o conhecimento dos vossos alumnos e a ignorancia do meu. Aquelles aprendem mappa, este os faz. *Descobrir o modo de adquirir conhecimentos quando necessario*, é o verdadeiro fim da aquisição de informações na escola, não a propria informação.

II

EXPERIMENTO SOBRE A EDUCAÇÃO CONSIDERADA COMO UM DESENVOLVIMENTO NATURAL

A lição de Rousseau, de que a educação é um processo de crescimento natural, exerceu grande influencia na theoria da educação desde o seu tempo. Nas nuances praticas da obra escolar, tem influido em grau menor.

De vez em quando, sem embargo, alguns experimentadores têm baseado planos em seus principios. Um destes experimentos é o dirigido pela senhora Johnson, em Fairhope, Alabama. A esta paragem fizeram peregrinações durante os ultimos annos numerosos estudantes e peritos, e a influencia do modelo da senhora Johnson levou ao estabelecimento muitos semelhantes de diferentes partes dos Estados Unidos. A senhora Johnson dirige um curso de verão para professores, dando uma lição viva, objectiva, de suas idéas em Greenwich, Connecticut, onde se fundou uma escola-modelo para crianças.

Seu principio fundamental é a idéa central de Rousseau, a saber: a criança está melhor preparada para a vida do adulto, experimentando em sua infancia o que tem sentido para ella como criança, além de que tem direito a gosar da infancia.

Por isso que é um animal em crescimento, que deve desenvolver-se de modo que possa viver prosperamente no mundo dos adultos, nada se fará que perturbe seu crescimento, e tudo deve fazer-se para promover a plena e livre evolução do seu corpo e espirito. Estas duas evoluções avançam parallelas; são processos inseparaveis, e ambos devem ser sempre considerados como de importancia igual.

A senhora Johnson critica a escola convencional de hoje. Diz que está disposta de modo que as cousas sejam feitas facilmente pelo professor, o qual deseja rapidos e tangiveis resultados; essa escola não presta attenção ao completo desenvolvimento dos alumnos. Está organizada sobre o plano fatal de uma estufa, forçando a uma esteril exhibição, ao envés de fomentar o crescimento em seu redor. Não engendra individualidades capazes de uma paciencia resistencia e de actividades creadoras. Não tem em conta as necessidades presentes da criança, nem o facto de que vive uma vida inteira cada anno e cada hora e que não espera viver em um periodo definido por seus maiores, quando a escola é uma cousa do passado. A aversão das crianças pela escola é um resultado natural e necessario de erros como este. A natureza não adaptou o animal joven

ao banco estreito, ao programma pesado, á silenciosa absorção de factos complicados. Sua vida mesma e seu crescimento dependem do movimento e, entretanto, a escola o obriga a guardar uma posição inibidora durante quatro horas seguidas, para que o professor possa estar seguro de que está ouvindo ou estudando livros. Toleram-se breves periodos de exercicio, como engodo para mantel-o quieto o resto do tempo; estas distrações, porém, não compensam os esforços que ha de realizar. A criança está ansiosa por mover-se mental e physicamente. Assim como o crescimento physico tem que progredir juntamente com o mental, assim tambem ocorre com os factos isolados da criança. Seu movimento corporal e seu despertar mental dependem mutuamente um do outro. Não basta affirmar este principio sem levar á pratica sua comprovação, diz a senhora Johnson.

A criança bem nutrida de corpo, activa, é a que mais deseja fazer e conhecer objectos. A necessidade da actividade deve ser satisfeita na pratica da escola, hora por hora; deve permittir-se á criança mover-se no trabalho e no brinquedo, imitar e descobrir por si mesma. O mundo de objectos que a cerca é um hemispherio inexplorado para as crianças, mesmo na idade de seis annos; um mundo que augmenta constantemente ante sua pequena visão, á medida que suas actividades a conduzem mais e mais longe em suas investigações; um mundo que não é tão "lugar commum" para ella como para o adulto.

Por consequencia, é necessario deixar a criança, enquanto seus musculos são tenros e sua intelligencia ductil, olhar por si mesma o mundo de cousas naturaes e artificiaes que constitue para ella a fonte de conhecimentos.

Em vez de facilitar essas occasiões para o crescimento e a invenção, a escola ordinaria encerra o pequeno em um ambiente estreito, em um melancolico silencio, em uma attitude forçada de espirito e de corpo, até que se embote sua curiosidade pela surpresa que lhe produzem as cousas estranhas que lhe occorrem. Mui prompto seu corpo se cança do trabalho, e então começa elle a buscar meios de esquivar-se ao professor, a buscar em seu redor um modo de evadir-se de sua pequena prisão.

Isto significa que se torna inquieto e impaciente, na linguagem da escola; que perde interesse pelos pequenos trabalhos que se lhe destinam e, consequentemente, por este novo mundo, pouco antes tão attraente.

A doença da indifferença atacou sua alma sensitiva antes de haver entrado verdadeiramente no caminho do conheci-

mento. A razão de haver uma escola onde os meninos trabalhem juntos é que a criança deve aprender a trabalhar com os demais. Reconhecendo isto foi que a senhora Johnson tratou de encontrar um plano que dê a maxima liberdade de desenvolvimento individual.

Como a criança é incapaz, por seus musculos fracos e sentidos não desenvolvidos, de realizar uma obra delicada sobre as minucias das cousas, não ha de começar sua vida escolar, aprendendo a ler e a escrever, nem a manejar brinquedos ou pequenos instrumentos. Deve continuar o processo natural que começou no lar, saltar de um objecto interessante a outro, inquirir a significação destes objectos e, sobretudo, descobrir a relação entre os diferentes objectos. Tudo isto deve fazer-se de um modo amplo, de sorte que adquira os nomes e propriedades dos factos evidentes na ordem em que apparecem. Assim, os factos obscuros e difficeis são esclarecidos uns após outros, sem serem impostos á attenção das crianças pelo professor. Um descobrimento conduz a outro, e o interesse de buscar leva a criança espontaneamente a investigações que se convertem a miúdo em uma severa disciplina mental. Seguindo esta via do crescimento natural, a criança é conduzida á leitura, escripta, arithmetica, geographia, etc., por seu proprio desejo de conhecer. Devemos esperar o desejo da criança, a consciencia da necessidade — diz a senhora Johnson —; devemos depois, e immediatamente, fornecer os meios de satisfazer este desejo.

A idade de aprender a lêr é, portanto, differida até que a criança esteja bem fundamentada em sua experiencia e conhecimento das maiores relações das cousas. A sra. Johnson chega até a prohibir que as crianças aprendam em uma idade demasiado prematura. Aos oito ou nove annos, pensa que estão aptas para explorar livros justamente como antes exploram cousas. Nesta idade reconhecem a necessidade e o uso da informação contida nos livros; descobriram já que não podem obter esta informação de outro modo. Assim, o actual aprendizado da leitura apenas é um problema; as crianças se ensinam a si proprias. Pelo estímulo do interesse de chegar ao conhecimento de alguma materia determinada, vencem a difficuldade mecanica de leitura com facilidade e rapidez. A leitura não é para ellas um exercicio isolado; é um meio de adquirir um objectivo muy desejado. Como na ascensão aos armarios da dispensa, suas difficuldades e perigos são esquecidos no desejo absorvente de satisfazer o appetite mental. Cada uma das materias do programma escolar deve dar-se á criança para satisfazer um pedido, por sua parte, de um maior conhecimento de relações que pôde adquirir dos objectos estudados. A arithmetica e as noções

abstractas representadas por cifras não têm sentido para as crianças de seis annos, porém os numeros, como parte das cousas com as quaes está brincando ou que utiliza todos os dias, têm tanto sentido para ellas que descobrem logo que não podem passar adiante sem conhecêl-os. A sra. Johnson está ensaiando um experimento sob as mesmas condições que reúnem as escolas publicas, e julga que seus methodos são applicaveis a qualquer systema escolar publico. Praticamente, não percebe direitos de matricula, e toda criança é bem acolhida.

Chama a seu methodo de educação "organico", porque segue o crescimento natural do alumno.

A escola pretende dar á criança as occupações e actividades necessarias em cada grupo de evolução para o seu desenvolvimento nesse grau. Por conseguinte, insiste em que o desenvolvimento geral, e não a quantidade de informação adquirida, é que deve regular a classificação dos alumnos. A divisão em grupos se verifica ahi onde se encontra que as crianças se dividem naturalmente por si mesmas. Estes grupos são chamados "classes de vida", em lugar de graus. A primeira classe de vida termina entre os oito e nove annos; a segunda, entre os onze e doze, e, desde que occorrem no periodo da adolescencia mudanças muy assignaladas de interesses e occupações, se estabelecem diversas classes de ensino secundario. O trabalho do grupo se dispõe afim de dar aos alumnos as experiencias de que necessitam nesta idade para o desenvolvimento de seus corpos, intelligencias e espiritos. No programma de Fairhope não se empregam a designação forçada de temas de trabalho, a indicação de lições de estudo e os exames ordinarios. Assim as crianças não adquirem essa aversão ao ensino ou esse receio ao que um mestre ou livro dizem, cousas que são desgraçadamente tão communs entre os alumnos das escolas ordinarias. Exercitam seu instincto de aprender, naturalmente, sem essa presumpção que nasce de haverem sido obrigadas a manter o espirito alerta em exames e promoções. Crianças perspicazes e intelligentes adquirem frequentemente uma aversão pela sala de classes e pelo que vem della, aversão que não só não vencem nunca completamente, sinão que chega a ser um verdadeiro obstaculo para ellas logo que crescem, impedindo-as com frequencia de realizar seu trabalho universitario seriamente, e fazendo-as desconfiar de todas as idéas não obtidas realmente com sua propria experiencia fóra da sala de classes.

A's vezes, fazem-se tão dóceis que se rendem a toda affirmação autoritaria, seja qual fór, e perdem o sentido da realidade. Dizemos aos nossos discipulos que os livros são os

armazens do mundo e contém a herança do passado, sem a qual seríamos selvagens; depois, ensinamos de maneira que não lhes agradem os livros de informação e examinem o que um professor lhes conte. A incompetência existe geralmente, não porque não se ensine sufficientemente a gente quando se é criança, sinão porque esta não pode fazer e não faz uso do que aprendeu. Não se insistirá demasiado acerca do grau em que isto é devido a uma antiga desconfiança da escola e do ensino a ella associado. Os alumnos da Fairhope nunca terão que vencer este obstaculo. Acham-se sempre contentes na escola e proclamam com enthusiasmo seu "amor" a ella. Não só o trabalho interessa aos alumnos como totalidade, sinão que nenhuma criança em particular está obrigada a realizar um trabalho sem havel-o solicitado; cada alumno pôde fazer o que lhe agrada desde que não incommode a nenhum outro.

As crianças, entretanto, não estão isentas de toda disciplina. Devem estar sempre occupadas enquanto permanecem na escola, e aprendem a não molestar seus vizinhos, tanto como a auxiliá-los quando necessario. O capricho ou a preguiça não excusam a nenhuma criança de seguir um regime são ou conveniente.

A sra. Johnson crê que as crianças, em seus primeiros annos, não são moraes nem immorales, sinão simplesmente amoraes; seu sentido do justo e do injusto não começou ainda a desenvolver-se. Por conseguinte, deve-se-lhes conceder toda a liberdade possível: as prohibições e os mandatos, cujo resultado, em si ou em seus companheiros, não podem comprehender, estão condemnados a ser inintelligíveis; sua tendencia é fazer a criança reservada e falsa. Dar a esta plenitude de sã actividade. Quando deva ser disciplinada, não acudae a um sentido que não adquiriu; mostrae-lhe, pelo contrario, por uma pequena mortificação, se necessario, o que o seu acto máu significa para os seus companheiros de jogos. Se ha de partilhar, gracejando ou a serio, cousas com a sua familia e amigos, deve proceder de modo que necessitem de sua companhia.

Este é um motivo que uma criança pequena pôde comprehender, pois sabe quando seus amigos lhe são affaveis ou desafectos.

Neste systema de disciplina ha menos cousas que impedem uma criança de esquivar-se ou occultar-se, de mentir ou de tornar-se demasiado consciante dos seus actos, que em uma disciplina baseada em fundamentos moraes que parecem a uma criança ser meras excusas para obrigar-a a fazer algo simplesmente porque alguma pessoa adulta necessita que se faça.

A falta de susceptibilidade é um positivo proveito do lado da felicidade. O systema de disciplina da sra. Johnson contribue para aquelle amor á escola e pelo trabalho que todo ensino aspira a estabelecer.

Quando o trabalho é interessante, não é necessario perturbar as crianças em sua realização, com restricções inintelligíveis e mesquinhas prohibições. Quando as crianças trabalham á vontade, associam a instrucção com a acção correspondente.

Isto é inquestionavelmente de positivo valor moral. Auxilia a desenvolver uma attitude confiante, agradável em relação ao trabalho; uma disposição para affrontar tal obra sem desgosto ou aversão, o que é de mais valor real na formação do caracter que a execução de tarefas duras e desagradáveis, ou que impôr a atenção e a obediencia. A divisão em grupos de idade ou "classes de vida" supprime essa importancia dada aos fracassos e faltas dos alumnos, importancia que se manifesta mais ou menos ahi onde estes são classificados por seus progressos nos livros. A criança que é retardada mentalmente não se sente infamada. Não é alvo da nossa atenção, não é aguilhada, reprehendida ou "suspensa". Sem se aperceber de sua propria debilidade, conserva o apoio moral de sua confiança em si mesma, e seu labor manual e suas disposições physicas lhe dão frequentemente prestigio entre seus companheiros. A sra. Johnson crê que as recitações e exames das escolas ordinarias são meramente invenções para fazer mais facil o trabalho do professor, pois a consciencia do que sabe o alumno ou não, que nasce das distincções e graus, é tão nociva para a criança como a accentuação de seus fracassos. E' particularmente grande o contraste dos exercicios escolares de Fairhope com os outros em que as crianças — sentadas e com os livros fechados — são ordinariamente submettidas a uma infinidade de perguntas por parte do mestre para saber quanto recordam da lição que se suppe haverem "estudado" sós. Voltamos outra vez a Rousseau: "Elle (o mestre) tem por principio mostrar que não se perdeu o tempo; fornece aos seus alumnos generos que podem ser promptamente exhibidos nas vitrinas commerciaes, actividades que se podem ostentar á vontade. . . Se a criança ha de examinar-se, preparamol-a para exhibir suas mercadorias: desembrolha-se, agrada aos que as contemplam, ata seu fardo e segue seu caminho. As perguntas excessivas são fastidiosas e revoltam a maior parte de nós, especialmente as crianças. Depois de alguns minutos, decae sua atenção; cessam de escutar vossas eternas perguntas e contestam ao acaso." Em Fairhope as crianças fazem o trabalho e o mestre está para ajudal-as a conhecer, e não para fazel-as repetir o que aprenderam de memoria.

Frequentemente, verificam-se provas com os livros abertos, pois não têm por fim mostrar ao professor o que a criança recorda, mas antes descobrir seus progressos no manejo dos livros. Não se marcam lições, senão que os livros permanecem abertos nas mãos dos alumnos, e discutem com o professor o texto, sacando delle todo o deleite e toda a informação possível. Isto provoca um amor real aos livros, de tal sorte que estas crianças, ás quaes nunca se designou uma lição para estudar, estudam voluntariamente o texto depois do trabalho da classe. Não são induzidas a enganar, pois não são collocadas na situação de ter que fingir.

O resultado deste systema de disciplina e estudo, ademais dos satisfatorios progressos nas tres materias tradicionais de ensino, é a carencia de susceptibilidade no aspecto mental e moral; a capacidade da criança para pôr em sua obra toda sua iniciativa e entusiasmo originarios; a facultade de satisfazer seu natural desejo de aprender, conservando assim a satisfação na vida e uma confiança em si mesma que redime todas as suas energias para a obra. O alumno ama a escola e esquece que está "aprendendo", pois a instrução surge inconscientemente como um producto accessorio de experiencias, que elle reconhece que têm valor para si mesmo.

Estabeleceram-se em Fairhope as seguintes actividades, em lugar do programma escolar ordinario: exercicios physicos, estudo da natureza, musica, trabalhos manuaes, geographia ao ar livre, narração de historias, cultura dos sentidos, conceitos fundamentaes do numero, representações dramaticas e jogos.

Na segunda classe se acrescenta o esboço de mappas e a geographia descriptiva; aprende-se a leitura, e se modifica o estudo do calculo com o conhecimento das cifras. Cada lição se projecta como uma experiencia concreta com um fim definido á vista, apresentando-se á criança como algo desejavel. Como é de suppor, dada a importancia que se attribue ao estudo do desenvolvimento da criança, o exercicio physico desempenha um papel importante no trabalho diario. Esse exercicio se verifica todos os dias durante as horas regulares da escola, e, geralmente, na primeira parte da manhã, quando as crianças estão frescas e fortes. Uma hora por dia a escola se transporta para fóra, a um campo que as crianças chamam "o gymnasio". Barras, cavallos, etc., estão collocados nelle, e ha ahí sempre alguém para ajudal-as a ensaiar novas cousas e ver se o trabalho está bem equilibrado; não existe, porém, nenhuma gymnastica no sentido corrente da palavra. A sra. Johnson crê que o desgosto das crianças por ella é razão sufficiente para desterral-a e que, visto como a criança em crescimento está

sempre buscando espontaneamente occasiões para dilatar e exercitar seus musculos, tudo o que a escola precisa fazer é proporcionar facilidades, cuidando de que isto não dê lugar a que se arrependa.

As crianças se dividem, naturalmente, em grupos: as que necessitam balançar-se nas barras e argolas, as que necessitam trepar, saltar ou correr, ou arremessar, etc. Um pau serve de mira para os desafios de tiro ao alvo com pedras. As proprias crianças inventaram jogos com os aparelhos, e a hora do "gymnasio" é uma das mais occupadas do dia. Ella deixa a criança disposta e estimulada para o trabalho mental, desde que não implique em incommodo para nenhum jogo de musculos, nem muita estúpida repetição de movimentos inintelligiveis, a mando de alguém. Além deste tempo regular para o exercicio, as crianças podem estudar fóra da escola, e muitas aulas se dão ao ar livre. Dentro da escola ha jogos, trabalhos manuaes e representações dramaticas, todos os quaes contribuem para o bem estar das crianças.

Não ha assentos inibidores: a criança pôde sentar-se onde ou como lhe agrade, e mesmo mover-se de um lugar para outro se não perturba aos seus companheiros. As classes se verificam numa sala, em a qual trabalham dois grupos, cada um de quinze crianças ou mais, e ha ordem e tranquillidade necessarias. O estudo da natureza e a geographia physica se cultivam quasi inteiramente fóra da escola. As crianças vão aos campos e aos bosques, e examinam as arvores e as flores; fazem perguntas sobre ellas; estudam as differenças que ha nas cortiças, folhas e flores; dizem-se umas ás outras o que pensam e utilizam seus livros para resolver as questões que lhes suscitam as arvores e as plantas. Aprendem a significação das palavras *pistillos*, *estames* e *petalas* nas flores que recolheram, ou observam uma abelha que transporta pollen de uma planta a outra. Os alumnos são incitados individualmente a contar á classe o que aprenderam em casa, a trazer flores de seus jardins ou a relatar as cousas que viram. A classe visita uma granja vizinha de trabalho, reconhece todas as plantas já vistas, e aprende os nomes e caracteres das novas. Quando regressam á escola, os que sabem escrever fazem uma lista de todas as plantas de que se recordam, com o que combinam, com sua lição de natureza, uma lição de escripta. Nos terrenos da escola ha um jardim onde os alumnos aprendem a arar, rastilhar e semear, e notam como brotam as sementes e como crescem e florescem. Em uma pequena parcella de campo, que é delles, observam todas as phases do cyclo da vida da planta, e ademais obtêm as vantagens do ensino moral que produz o levar a cabo um

trabalho que dura varios meses e exige constantes reflexões e cuidados. Esta especie de trabalho occupa uma grande parte do programma das crianças menores, pois parece que se accomoda particularmente ao seu mundo, ao mundo dos objectos concretos, definidos, que podem ver em redor todos os dias, que podem manejar e com os quaes podem jogar e que, consequentemente, despertam sua curiosidade. A geographia physica é ensinada, em grande parte, da mesma maneira.

Mesmo as crianças mui pequenas adquirem por observação directa uma boa idéa das diferentes especies de formações de rocha, da acção do vento e da chuva, das correntes fluviaes; se se usam livros, é depois, para explicar ou ampliar algo que os alumnos viram. O solo dos arredores da escola é argiloso, e depois da chuva o menor arroio ministra excellentes exemplos sobre os cursos dos rios, erosões, vertentes, avenidas ou correntes variaveis; ao passo que uma explicação das marés ou da Corrente do Golfo é animada por uma pequena excursão á bahia. Um terrapleno perto do edificio escolar não só proporciona um esplendido lugar para jogos, como serve de livro para explicar as ladeiras das montanhas, os valles e a formação do sólo e das rochas. Tudo isto constitue um excellent fundamento e um exemplo para a geographia descriptiva, que vem depois. A geographia mais avançada é principalmente commercial; e com o fundo scientifico que os alumnos já adquiriram, o sentido real das relações entre climas e colheitas, industrias, exportações e importações e condições sociaes, é comprehendido muito mais facilmente.

Em Fairhope se accentúa fortemente o valor do trabalho manual, em harmonia com a importancia dada ao crescimento physico. A criança pequena deve ir aprendendo a coordenar cada vez com maior dextreza seus movimentos musculares se se ha de desenvolver seu corpo até o typo mais elevado de saude e de eficiencia, e nada contribue para isto mais que os movimentos regulados e delicados que são necessarios para fazer cousas com as mãos. O facto de que está fazendo cousas proporciona justamente o estimulo de que a criança necessita para permittir-lhe proseguir a obra, repetir uma e outra vez os mesmos esforços do espirito, da mão e da vista, e dar-lhe uma verdadeira inspecção de si mesma na operação. As vantagens do trabalho manual, do ponto de vista utilitario, são tão claras quanto grandes. A criança aprende como ha de usar os instrumentos ordinarios da vida, as tesouras, facas, agulhas, escovas, e vê e guarda estima pelos instrumentos, pinturas e argilla dos artistas, estima que dura até o resto de sua vida. Se é uma criança de iniciativa e inventiva, encontrará uma sahida

natural e grata para suas energias. Se é um sonhador ou inexperienced, adquirirá respeito pelo trabalho manual e ganhará o sufficiente para se converter em um ser humano bem constituido. Os meninos e as meninas a *pari-passu* fazem labor de cozinha e de carpintaria, pois o objecto do trabalho não é adextral-os para um officio ou profissão, sinão preparal-os para serem membros capazes, felizes, da sociedade. A pintura e o modelado na argilla desempenham tão grande papel, mesmo nas crianças pequenas, como a carpintaria ou a costura, visto como servem para um fim ou estão sufficientemente relacionadas com outro trabalho para manter o interesse do alumno.

O sentido da belleza não existe conscientemente nas crianças pequenas, e deve ser desdobrado com o manejo dos objectos de todos os dias, se ha de chegar a ser uma força real em suas vidas. Portanto, a arte é ensinada como uma parte do trabalho manual, da narração de contos, das representações dramaticas ou do estudo da natureza. A's crianças menores se estimula quanto se possa no modelado na argilla, na pintura, na tela de papel, na confecção de brinquedos de papel ou madeira, etc., a que proponham as cousas que necessitam fazer. A' medida que adquirem dextreza, vão fazendo objectos cada vez mais difficeis; os alumnos de nove ou dez annos fazem cestas de rafia, barcos e equipagens de bonecas. A narrativa de historias e as representações dramaticas estão mui intimamente relacionadas — até os dez annos approximadamente —, e occupam o lugar ordinario dos livros. Referem-se-lhes ou se lhes leem historias de valor literario adaptadas por seu assumpto, á idade das crianças, e estas por sua vez são estimuladas a contar historias que ouviram fóra da escola. Depois dos nove ou dez annos, quando as crianças aprenderam a lèr, leem contos nos livros, ou para si mesmas ou em alta voz, e então toda a classe os discute. Os mythos gregos, a Iliada e a Odisséa, são os favoritos nesta idade, e com muita frequencia, sem indicações do professor, uma classe representa uma narração, como a queda de Troia ou outra qualquer que impressionou especialmente sua dramatica imaginação. A escola julga que é este o verdadeiro caminho para as crianças de acercar-se á litteratura, se hão de aprender a amal-a e a apreciar-a, e não simplesmente a estudar o texto pelas palavras estranhas e as figuras literarias. Aos alumnos não se lhes permittie usar livros até os oito ou nove annos, e nesta idade sentem tão agudamente sua necessidade que pedem seu auxilio no ensino. Supprime-se o largo e fastidioso exercicio necessario para ensinar a lèr a uma criança de seis annos. Cada criança está desejan-do ler algum livro em particular, devido ao que ha mui pouca ou nenhuma necessidade de atrahir sua attenção ou de cair em uma repeti-

ção infinita. A Sra. Johnson crê também que o melhor para o desenvolvimento natural, physico e mental da criança é demorar o mais possível o ensino da escripta e dos numeros. Mais tarde os alumnos os procurarão com consciencia de sua necessidade real, da ajuda que lhes prestarão em sua vida diaria. Seu fundo de conhecimento de cousas e sua dextreza adquirida com o trabalho manual, fazem relativamente facil o processo deste ensino. A sra. Johnson está convencida de que uma criança que não aprende a ler e escrever em sua escola até os dez annos de idade, lê e escreve tão bem como um menino de quatorze annos em uma escola que se rege pelo programma ordinario. Os conceitos fundamentaes da arithmetica são ensinados oralmente. As crianças menores começam contando-se uma ás outras, ou as cousas que ha em seu redor. Depois dividem no encerado uma linha em metade, depois em tres partes e depois em quartos. Por meio de objectos ou linhas no encerado começam em seguida a sommar, diminuir, a fazer fracções e mesmo a dividir. O exercicio oral desta classe de trabalho é constante, e as crianças familiarizam-se inteiramente com os processos fundamentaes da arithmetica antes de aprenderem a escrever um numero ou conhecer o sentido do signal da somma ou da multiplicação. Depois, quando vem a época—até os nove annos—de aprender a escrever numeros, repete-se o exercicio, usando dos signaes convencionaes em lugar das linhas ou objectos. A escola encontrou que este methodo suprime as difficuldades com que se tropeça ordinariamente, sobretudo no ensino das fracções e seu calculo. As divisões largas e as demais operações complicadas, se ensinam aos alumnos depois que podem escrever bem e facilmente, e não se dá nenhuma importancia á analyse formal até que o exercicio repetido tenha feito as crianças regularmente familiares e versadas na operação. Jogos e contendas de toda sorte, inventados pelos professores, são utilizados para fazer este ensino interessante aos alumnos. A cultura dos sentidos significa o exercicio especifico do corpo e dos musculos da criança para responder devidamente ao desejo de executar determinados actos musculares ou sensoriaes, ou, mais tecnicamente expressado, significa a coordenação moto-sensorial. Além do exercicio geral que resulta do trabalho manual e dos exercicios physicos, organizam-se jogos especiaes para exercitar os differentes sentidos. A classe menor faz relativamente mais uso deste sentido gymnastico. A classe inteira permanece immovel e em silencio absoluto; uma criança vae na ponta dos pés de um lado para outro do quarto, e depois, com os olhos vendados, outra criança qualquer trata de averiguar onde está aquella; ou então uma criança diz uma cousa e outras tentam adivinhar pela voz quem é. Um dos passatempos fa-

voritos de toda a escola foi inventado para adextrar o movimento muscular: crianças de differentes idades, divididas em grupos, atiram pedras em um pau grande cravaço no pateo. Este jogo offerece todo o prazer de um concurso, tanto como ensina a vista e a mão a obrar conjunctamente e exercita todo o corpo. O dominio physico extraordinario dos alumnos de Fairhope se vê melhor na officina de carpintaria, onde até as crianças menores trabalham e manejam instrumentos de grande tamanho, martellos, serras e escovas, sem fazer damno algum. Na officina ha uma serra mecanica de pé, e é um espectáculo instructivo contemplar uma criança de sete annos, demasiado pequena para mover o pedal, sustentando seu pedaço de madeira, dando voltas e accomodando-o com a serra, sem fazer-se damno. Os alumnos de Fairhope se podem comparar favoravelmente com os alumnos das escolas publicas ordinarias. Quando por uma razão qualquer têm que mudar de escola, estão sempre em condições de trabalhar com outras crianças de sua idade, sem grandes esforços; são mais capazes em vigor physico e são muito mais aptos com suas mãos, e ao mesmo tempo têm um verdadeiro carinho pelos livros e pelo estudo, que as faz igualmente fortes no aspecto puramente cultural de seu trabalho. O programma organico tem sido applicado em detalhe e utilizado principalmente com as crianças menores. A sra. Johnson, porém, está convencida de que o principio de sua obra pôde applicar-se da mesma maneira aos alumnos do ensino secundario, e com elles já começou a ensaiar-o. Sob sua direcção, a escola teve um exito decidido. O tempo e mais numerosas occasiões corrigirão indubitavelmente os pontos debeis e as discrepancias que forçosamente vão unidas a uma escola que está em seu periodo experimental. A escola tem dado as condições necessarias para um crescimento saudavel, natural, em grupos de crianças bastante pequenas, para que o professor, antes como guia que como instructor, possa conhecer perfeitamente as debilidades de cada criança individualmente, e depois adaptar a obra ás necessidades individuais. Tem demonstrado que é possível para as crianças levar na escola a mesma vida natural que levam nos bons lares fóra das horas de classe; e progredir corporal, mental e moralmente na escola, sem apuros, recompensas, exames, graus ou promoções artificiaes, logo que adquirem o dominio sufficientemente dos instrumentos convencionaes de ensino e do estudo de livros—leitura, escripta e arithmetica—, para ser capazes de manejar-os independentemente.

PORQUE SE ENSINA HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO NO CURSO NORMAL

(Palestra realizada na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte)

Ao iniciar esta despretençiosa palestra, em cumprimento do nosso regulamento escolar, acode-me á memoria um trecho do genial Ruy Barbosa, quando, na campanha civilista, visitou a Academia de Direito de S. Paulo, onde foi armado cavaleiro destemido da justiça e cruzado valoroso da liberdade e do direito.

"Um lente da Universidade de Princetown, convidado pela de Harvard a tomar parte, em França, na mutua propaganda intellectual aberta entre as duas nações, mediante uma troca annual de professores nas conferencias, onde explanou o genio da America, o meio que teve de estender aos olhos dos seus ouvintes, num só panorama, o espectáculo da superioridade politica dos Estados Unidos, o mechanismo da sua liberdade, a segurança do seu porvir, foi conduzil-os mentalmente do corpo central do Capitolio em Washington, no qual, entre as duas alas que abrigam a Camara e o Senado, funciona a Suprema Côrte Federal. "E' a esta sala tranquilla, diz o conferente, tão nobre na sua dignidade e na sua singeleza, tão estreme de fausto e ostentação, tão distante do bulicio e do tumulto, tão alagada pelo sereno resplandecer da consciencia e da razão, tão eloquente pela confiança no poder, ingenito á justiça, de se defender a si mesma, é a esta sala que eu quizerá levar o estrangeiro, curioso de saber porque acreditado na vida e duração aurada á democracia americana. Esses nove homens, nos seus negros habitos talares de Juizes, (os unicos funcionarios que ali usam e sempre usam uniforme), são os symbolos da consciencia americana, como depositarios do principio da equidade, na sua garantia suprema."

Como aquelle notavel professor, eu poderia dizer, tambem, aqui, nesta sala, tão singela e tão modesta, batida apenas pela luz esplendida dos nossos ceus, illuminada pelo sorriso

em flor da mocidade, se está elaborando uma grande obra patriótica. Aqui, nesta sala, tão alagada por um patriotismo forte e sincero, estão sendo concretizadas as justas aspirações de um povo, orientado por um governo cujo maximo escopo tem sido a instrução e a educação do povo mineiro. Então, ao visitante que aqui aportasse e cuja primeira impressão ao contemplar a pobreza e o desatavio desta sala fosse talvez admiração, eu diria, apontando para vós, meus nobres collegas, symbolos que sois da consciencia mineira, pioneiros invictos desta campanha que procura instruir Minas para democratizar o Brasil: "Eis os homens, aos quaes está confiada a grandeza futura de Minas e do Brasil".

De facto, aqui, neste templo, se preparam as futuras gerações, as lévas de preceptoras, que amanhã, pelo immenso territorio de Minas Geraes, sairão grégando o Evangelho da Instrução, espalhando as luzes do saber, contidas no grande codigo do civismo, do decalogo da liberdade. Taes escolas, taes povos.

Tratando com carinho e desvelo o professor, o Governo Mineiro dignifica e eleva Minas Geraes, porque "elevar o professor é elevar todo o povo". Com muita razão, o propheta Daniel escrevera: "Os que ensinam brilharão como estrellas, perto da eternidade". Estas palavras memoraveis do joven propheta, que confundira a magia chaldaica, deveriam ser gravadas nas salas de todas as escolas, como um lemma muito significativo. A propria Biblia assim dignifica e eleva a missão do professor.

E, como preliminar exposição do thema desta palestra — "Porque se ensina historia da civilização no curso normal", basta o caso typico de Alexandre Magno, esse grande general da antiguidade, valente e destemido, generoso e nobre, que attribue todo o seu triumpho ao seu preceptor, exclamando: "Mais devo a Aristoteles que a Felipe."

Mas, entremos no assumpto. Porque se ensina Historia da Civilização no curso normal? Sendo a Historia, na douta e magistral opinião de Cicero, "a mestra da vida", comprehendese, desde logo, a razão deste estudo como elemento de cultura geral, como um factor notavel para a formação do espirito e para o desenvolvimento dos mais nobres e elevados sentimentos do coração humano. Como "mestra da vida", a Historia ensina e educa. Ensinando-nos, ella activa as nossas faculdades intellectuaes, habituando-nos sobre tudo ao raciocinio e ao julgamento, pela comparação entre as varias epochas e os varios grãos do progresso humano. Educando, ella fórma o caracter humano, plasmando as individualidades. E assim, pois, é na-

tural e lógico que uma professora, cuja missão é ministrar ensinamentos, cultivar idéas e formar pela educação o caracter, conheça esta sciencia, tão intimamente ligada á vida humana, ao seu progresso e ao seu desenvolvimento.

Toda a Pedagogia encerra um conceito da vida e assim, a Historia, que é "a mestra da vida", está ligada a todo e qualquer systema pedagogico. A Historia ensina e educa, principalmente pelo exemplo, que é o methodo intuitivo, por excelencia. Assim, pois, a Historia é um compendio magnifico de Pedagogia, onde tudo attrae a nossa attenção, onde o exemplo surge a cada instante, na vida dos individuos e nos costumes dos povos.

Estudando, pois, com afinco e dedicação, esta sciencia, vós, alumnas de hoje, professoras de amanhã, podereis applicar o methodo intuitivo, tão preconizado modernamente, nas novas escolas, onde as crianças vivem como numa pequena sociedade, illustrando o espirito e aprimorando o caracter, para os grandes embates da vida.

Já vae longe o tempo em que a escola vivia segregada da sociedade e do meio em que o alumno cresce e desenvolve.

Mas, sabeis perfeitamente a força do exemplo. Elle falla e ensina mais que todos os tratados de Pedagogia. Já os antigos, com muita sabedoria, preceituavam: *verba movent, exempla trahuntur*, ou em vernaculo: *as palavras movem, os exemplos arrastam*. O mellifluo S. Bernardo ensina: *vox oris sonat vox exempli tonat*. E Seneca, o profundo philosopho romano, dizia: — *longum iter est per precepta, breve et efficax per exempla: Longo é o ensino pelo preceito, breve pelo exemplo*.

E, de quantos exemplos está repleta a Historia da Civilização? Quantas virtudes, quantos heroismos, quantos sacrificios foram praticados pelos nossos antepassados! A nossa civilização nada mais é que a resultante das grandes lições do passado. A Historia serve ainda para exercitar a memoria, embora não seja essa, a finalidade deste estudo. A simples nomenclatura, a chronologia e decoraçào mecanica, não constituem, por certo, a sciencia historica. Um estudo, assim feito, seria esteril, improficuo e contraproducente. O estudo da Historia consiste, sobretudo, no raciocinio, no julgamento, na investigação das causas e dos phenomenos que influíram na marcha da civilização.

Com muita razão, o professor Lavisse, notavel historiadore francez, numa de suas magistraes conferencias, feita na Faculdade de Letras de Paris, assim se exprime a esse respeito:

"O que importa ensinar aos alumnos é simplesmente os feitos dos grandes povos, de outróra, em prol da civilização geral e transmittidos aos posteros por elles. Pouca importancia têm os nomes do Pharaós, suas guerras, suas conquistas; os nomes das tribus de Israel, suas luctas, suas humilhações; as batalhas das guerras do Peloponeso, o detalhe das victorias romanas; os nomes dos generaes. Mas, o que importa saber: Os povos do Oriente, os Egyptios, os primeiros que aprenderam a viver em sociedade, a cultivar a terra, a lavrar o solo, a trabalhar os metaes, a construir os edificios. Aos Egyptios e Phenicios devemos a escripta. Israel foi o berço da religião christá e do monotheismo. Os Gregos são os artistas incomparaveis, admirados até hoje pelos seus monumentos, estatuas, templos, epopéas, tragedias, obras philosophicas ou historicas. Os Romanos, foram guerreiros e administradores e levaram a civilização para o occidente. Artistas menos notaveis que os gregos, mas deixaram, tambem, monumentos celebres. Sua lingua formou a nossa e, finalmente, fizeram leis, que em grande parte são as nossas".

E o programma do ensino normal estabelece nestas palavras a finalidade dos estudos historicos. "O estudo da Historia da Civilização se esforçará por tornar vivos e concretos na biographia dos grandes homens os episodios que conferem a estes homens a sua significação historica, condensando, assim, em pinturas vivas e empolgantes, series de acontecimentos, que para se tornarem significativos e claros, sejam postas em conexão com vidas humanas capazes de lhes dar o sentido e o interesse, que só a individualidade humana é capaz de despertar".

O professor deve reconstruir o passado da humanidade, aproveitando os episodios suggestivos, os feitos heroicos, os aspectos mais interessantes, que sirvam para um paralelo entre as eras prisças das sociedades passadas e a vida moderna, tirando uma lição e uma solução para as grandes questões do presente. Assim o estudo será efficiente, animado, attraente e educativo. O professor intelligente e dedicado saberá aproveitar as oportunidades para, por meio da historia, promover a formação intellectual dos seus discipulos e animar e intensificar as suas faculdades de raciocinio, ministrando-lhes sempre um novo ensinamento. Portanto, o ensino da historia da civilização foi mui sabiamente collocado entre as disciplinas do curso de applicação. A historia illustrada educa, ensina a julgar e a raciocinar, é uma fonte copiosa de ensinamentos literarios, é um meio salutar para o alumno aprender a expor as suas idéas, adextrando o espirito, cultivando a lingua, e manejaudo a pena com facilidade. O ensino da historia deve ser feito

conjuntamente com o do vernaculo. Mas não é só. Um professor não poderia ter uma formação completa e perfeita, ignorando esta materia imprescindível para uma cultura geral. "Quem se apega á historia, apega-se á vida" diz um professor, "logo, o principal intuito do ensino da historia é desenvolver no alumno aquellas forças que melhor lhe servem para a vida". Assim, pois, na vida commum, em livros e jornaes, nos discursos, nos parlamentos, nas cathedras, nos pulpitos e nos comicios são repetidas, muitas vezes, phrases historicas. Arriscar-se a um successo é o perigo que corre aquelle que despreza a leitura e o conhecimento da historia. Todo individuo culto e educado deve conhecer a historia dos povos e das gerações passadas. Para educar o Delphim, Bossuet, escreveu o seu lapidar discurso sobre a Historia Universal. A historia é um elemento de educação. Locke já dizia: "A historia é a grande preceptora da sciencia nacional e de prudencia." — "A historia, diz Bacon, suppre-nos de exemplos". Sendo a historia um manancial de notaveis lições, não se pode comprehendder que uma normalista se submetesse aos azares do descredito e da desconfiança por ignorar as grandes allusões historicas, as anedotas e os episodios com que constantemente deparamos em nossas realções sociaes. E o sabio organizador da reforma do ensino normal, em Minas, com a sua clarividencia de estadista, ampliou o estudo desta disciplina, destacando-a do da Historia do Brasil.

Citarei alguns exemplos, colhidos em minhas leituras, que provam a minha argumentação e revelam a importancia e necessidade dos estudos historicos. Ainda ha dias, lendo um artigo firmado por notavel jornalista, deparei com o seguinte trecho: "Esses governantes (o articulista se refere a um dos governos estadaues) perderam em tal maneira o decoro que devem a seu cargo e appareceram como Epaminondas pelo avesso, pois nem brincando diziam a verdade". Ora, ahi está o exemplo frisando as vantagens do conhecimento da historia e de seus vultos. O articulista, com muita diplomacia, chamou a esses politicos de mentirosos. Epaminondas, o heroe de Thebas, é o typo do homem sincero e leal, que nunca mentiu, nem sequer por brincadeira. Mas, sem conhecer a biographia do heroe que nos é fornecida pela historia, como poderia alguem comprehendder a phrase do jornalista patricio, que sabia e admiravelmente aproveitou o episodio da vida do libertador de Thebas? Como comprehendder muitos notaveis discursos de Ruy Barbosa, onde encontramos constantemente phrases e passagens historicas? Vão ahi alguns periodos de ouro do grande mestre. Falando em Campinas, assim se expressou o genial orador: "O com que

aqui vimos, é com espirito de romeiros do ideal politico, visitando, em testemunho da nossa devoção a essa crença desprezada, antiga "Mecca Republica". Porque assim falou a Agua de Haya? Porque conhecia a historia em seus detalhes. Mecca, como sabeis, é a cidade em que nasceu Mahomet. Todo bom mussulmano era obrigado a fazer uma peregrinação áquella cidade, ao menos uma vez na vida, para visitar o tumulo do propheta. Assim, todo bom republicano, deve ir a Campinas, em peregrinação patriótica. No celebre discurso sobre Castro Alves, feito na Bahia, no Theatro S. João, encontramos a seguinte referencia historica: "Quando a uma lei destas chega o momento providencial da sua verificação, a linguagem dos que condemnam como incendiaria a propaganda precursora lembra a insanía do persa açoitado o Hellesponto: "O tu agua amara", clamavam os flagelladores. "Eis o castigo que o nosso amo te impõe. Ha de atravessar-te o rei Xerxes, queiras ou não. Com razão ninguém te offerece sacrificios, falso mar! Pois que não és mais que um perfido rio de agua salgada". E' o celebre episodio que encontramos na guerra contra os gregos, em Xerxes: vendo desaparecer nas aguas a sua esquadra de 1.200 triremes, mandara chicotear o oceano. "Senhores, quando vejo bruxolear um desses pequeninos Demosthenes da diatribe, ergo a vista para o alto. . . e já os não diviso" (Discurso no Senado Federal, em 13/10/896.

E muitos exemplos eu poderia citar, indo buscal-os no inextogavel filão de ouro dos discursos e escriptos de Ruy, onde vemos a cada instante o apostolo da liberdade inspirando-se nos textos historicos. Mas não me furto ao prazer de vos ler um trecho do memoravel discurso, pronunciado no Senado, em que descreveu a munia de Sesostris e perorou arrebatadoramente com estas palavras: "Desde que eu soube pelo nobre senador que a munia de Sesostris mexera com o dedo, já me não admirarei de que a munia de Sesostris mexa com o corpo, que o sceptro do Egypto volva ás mãos da munia de Sesostris. Privilegio será das mummies resuscitarem antes do juizo final. E se o é, já não estranharei ver resuscitadas todas as mummies do mundo. Ahi tem razão o nobre senador por Matto Grosso: Entre as mummies "nesta sala ou fóra della" não ha distincção de classe". Todas as mummies, emquanto mummies, são eguaes. Se a munia de Ramsés II buliu com o dedo, podem as nossas tambem ter o seu dia de começarem a bolir com a lingua. Então, ai dos vivos! quando as mummies reinarem. Mas quando a resurreição agita as catacumbas acordadas a justiça, a verdade, a lei não se hão de metter debaixo do chão, para substituir as mummies redivivas nas covas que ellas desocuparam. Quatro annos ha que, estribado na lei, na justiça, na verdade, me bato

para despertar com a barbaria do crime do "Satellite", a consciencia do Governo Brasileiro. Quatro annos as camaras legislativas me ouviram indifferentes, sem se moverem. Conclui que esse poder estava mumificado." Eis, ahi, como de um costume egypcio proveniente da crença daquelle povo, o talento de Ruy fez um entrecho litterario magnifico, profundamente ironico, mordaz e ferino. Assim, pois, ficam bem evidenciadas a razao e a necessidade do estudo da Historia e sua efficiencia na conquista de uma cultura geral.

Para não ser muito prolixo, citarei algumas phrases mais usadas communmente: *O deputado A . . . foi condemnado ao ostracismo*. O ostracismo como sabeis, era uma arma politica poderosa na Grecia. O povo, na sua soberania, condemnava ao exilio aquelles que incorriam no seu desagrado. Do nome de uma concha, onde se escrevia a determinação do banimento, veio a palavra ostracismo. Aristides, o justo, soffreu esta pena, escrevendo elle proprio o seu nome na concha, a pedido de um camponez, que nem sequer o conhecia, mas que estava cansado de ouvir sempre chamal-o justo.

Festim de Balthazar — A Biblia descreve com eloquencia e vivas cores este notavel episodio. Balthazar, numa orgia ruidosa, profanava os vasos sagrados do templo de Jerusalem. Jeremias, o propheta, o vate elegiaco dos hebreus, cuja harpa cantava as desditas de Judá, annunciou então o desaparecimento de Babilonia. "Convidae os povos para a guerra contra os reis da Media, a terra treme; está gemendo de dor e de receio? pois então para cumprir-se os desígnios do Eterno, Babel será mudado em um deserto sem habitantes". O impio monarcha, zombando das prophcias e dos perigos que o ameaçavam, procurava, no meio das festas sumptuosas e dos opiparos banquetes, dissipar suas preocupações. No salão ornado faustosamente, a alegria era ruidosa. O vinho, o prazer e a volupia triumphavam sobre os convivas. De repente, uma mão mysteriosa traça na parede palavras enigmaticas. O propheta Daniel é chamado para decifral-as. *Mane, Thecel, Phares*, são as palavras que o Omnipotente aqui traçou. Balthazar, aterrorizado, indaga o sentido das mesmas. Daniel replica: *Mane*, Deus contou os dias do teu reino e determinou o seu fim. *Thecel*, teus peccados e crimes foram pesados na balança da divina justiça. *Phares*, teu reino será dividido. O rei dos persas, não podendo destruir as muralhas da cidade, desviou as aguas do Euphrates e, pelo leito do rio, penetrou em Babilonia, surprehendendo Balthazar e seus convivas no seu festim orgiaco. Empregamos, pois, a phrase "Festim de Balthazar" para exprimir uma festa ruidosa, uma orgia onde ha excessos, libações, profanações.

Paris é uma Babilonia — Pelo episodio de Balthazar, vimos como Babilonia era um centro de corrupção e idolatria. Assim, nos servimos, muitas, vezes do nome daquelle cidade, que já não existe, para designar os grandes centros onde, como em Londres, Paris e New York, impera o luxo, domina a riqueza e campeia a miseria e a corrupção.

Torre de Babel — Confusão, anarchia.

Estatua de Nabuchodonosor — E' commum a menção que se faz "aos pés de argila do colosso de Nabuchodonosor". Com esta phrase alludimos á fragilidade das cousas humanas, ao poder precario de uma pessoa, que, ao sopro da adversidade, vê desaparecer tudo. A origem desta phrase nós a encontramos neste facto historico: Nabuchodonosor viu, em sonho, uma grande estatua. Sua cabeça era de ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre, de bronze as pernas de ferro e os pés, de argila. Uma pedra se destaca da montanha, attinge os pés da estatua, que se esboroam e os seus destroços são arrebatados pelo vento. E a pedra torna-se montanha immensa, que enche a terra. Daniel, o joven propheta, depois de assim descrever o sonho a Nabuchodonosor, o interpretou, estabelecendo a successão dos imperios da Assyria, Persia, Macedonia e Roma, que, por sua vez, desapareceriam e seriam todos absorvidos por um grande reino universal — a Igreja Catholica. A historia confirmou precisamente o vaticinio de Daniel. A Igreja Catholica é a montanha immensa que domina o mundo, é a pedra que destróe todas as heresias e erros. Applicando a phrase historica, poder-se-ia dizer: "O sr. Presidente da Republica deve sentir que a tyrannia e a oppressão, como a estatua colossal de Nabuchodonosor, têm os pés de argila e podem ser destruidas pela força das consciencias e da vontade de um povo cioso de suas liberdades e tradições."

Cortar o nó gordio — Evitar uma difficuldade, contornar um obstaculo, que se nos apresentam em dada opportunidade e de cuja solução depende um successo. "Num templo de Gordio, consagrado a Jupiter, Midas, filho de Gordio, collocou a carro, sobre o qual o rei entrava em triumpho, na cidade Phrygia. O nó que prendia o jugo á lança foi dado com tal artificio que difficilmente se descobriam as pontas. Um oraculo prometera o dominio da Asia, ao felizado que conseguisse desatal-o: Alexandre, desembainhando a espada, cortou o "nó gordio" em vez de desatal-o, animando assim seus soldados, que reconheceram no gesto do grande general o cumprimento da palavra do oraculo.

Eureka! Eureka! — Achei! Achei! Sempre que resolvemos um problema, dizemos: Eureka! Eureka! Esta phra-

se é de Archimedes, que, descobrindo uma lei de hydrostatica, na occasião em que tomava um banho, sahii gritando pelas ruas da cidade: Eureka! Eureka! Encontrei! Encontrei! Eis ahi a historia ligada á sciencia.

Espada de Damocles — Serve para designar um perigo eminente, uma ameaça que pende sobre a cabeça de quem parece viver feliz na apparencia e pode ser victima de um desastre, de um momento para outro, no meio de sua propria felicidade. Damocles, cortesão de Dyonisio, o Antigo, foi tratado por este como um rei. No meio das sumptuosidades de um festim, em sua honra, Damocles viu uma espada suspensa sobre a sua cabeça e segura por um fio tenue e delgado. Só então comprehendeu a felicidade de um tyranno. Um jornalista poderia assim escrever: "A questão das candidaturas presidenciaes, como uma espada de Damocles, ameaça a nossa tranquillidade, o progresso e a felicidade da nação."

Muitas vezes já ouvistes expressões como estas: *Scm ser Catão, considero a moda exagerada, como um inicio de corrupção*, ou esta outra: *E' um velho Catão!* Pura allusão historica. Talvez muita gente por ahi se sirva desta expressão, sem comprehender seu verdadeiro significado. Catão foi um austero cidadão de Roma, que tentou corrigir os costumes depravados dos romanos. Inimigo acerrimo do luxo, das vaidades e dos costumes gregos e do espirito hellenico, que já dominava em Roma. Catão envidou todos os esforços para resuscitar a antiga simplicidade romana. Obtendo a censura, magistratura romana que lhe dava poderes para censurar os costumes publicos e particulares, Catão, desenvolveu uma terrivel campanha contra a dissolução dos costumes. Onerou com impostos avultados o luxo, as joias e as vestes femininas. Toda a sua preocupação era "desarraigar e queimar a hydra do luxo". Maulio foi por ordem de Catão expulso do Senado, só porque beijou a esposa, na presença de sua filha. Se Catão resuscitasse e contemplasse o luxo e o fausto dos nossos dias, a elegancia do "almofadinha", a ternura da "melindrosa", as scenas de cinema, a depravação dos costumes, certo tremeria de susto e ficaria rubro de pudor.

Deixemos, porém, este assumpto, do contrario me terei na conta de um professor Catão. O povo ergueu uma estatua ao austero romano, gravando nella a seguinte inscripção: "A Catão, o censor".

Delenda Carthago — "E' preciso destruir Carthago". No seu grande patriotismo, no seu odio contra os cartaginezes, Catão terminava todos os seus discursos, no Senado, com estas palavras: *Delenda est Carthago*. E' preciso destruir Car-

thago. Usa-se dessa expressão para mostrar a tenacidade, a persistencia com que alguém deseja realizar um determinado plano, constituindo uma verdadeira ideia fixa. Assim, podemos dizer: "Como o velho Catão, repetiremos sempre — é preciso destruir a rotina em materia de ensino e abolir os antigos sistemas, os methodos archaicos, que faziam do professor um algoz e da escola uma prisão. E' preciso transformar a Escola.

Victoria de Pyrrho — Obter um successo inesperado, provocado por uma causa fortuita. Pyrrho, rei do Epiro, trava uma batalha com os romanos em Eracléa. Os romanos, ante a vista dos elephantas, fugiram, pois não conheciam taes animaes, e foram derrotados, mas fizeram tambem muitos estragos nas tropas de Pyrrho. "Mais uma victoria como esta, disse Pyrrho a Cineas, seu ministro, e terei de regressar sozinho ao Epiro".

Veni, Vidi, Vici — Vim, vi e venci. Palavras de Cesar após uma rapida victoria contra Farnese, rei do Ponto. Com estas tres palavras, Cesar participou ao Senado o seu rapido triumpho. Hodiernamente empregamos esta expressão quando conseguimos executar qualquer projecto com rapidez e pleno triumpho. Outras phrases como esta encontraremos constantemente em escriptores nacionaes e estrangeiros.

Caminho de Damasco — Mudança radical de opinião e pensamento. E' o episodio da conversão de S. Paulo.

Character spartano — Tempera forte.

Justiça de Salomão — Episodio que tornou celebre a sentença dada por esse rei. Com essa phrase queremos significar uma justiça perfeita, recta e imparcial.

Charrua de Cincinato — Allusão ao nobre varão romano, arrancado do cultivo dos campos para salvar a Republica. Cincinato é o typo do civismo romano do homem desprendido.

Fogo sagrado do patriotismo — O fogo sagrado era mantido pelas vestaes no altar da deusa Vesta. Este fogo devia arder dia e noite. E' mui commum o uso desta expressão.

Magdalenas arrependidas — Allusão ao episodio entre Christo e Magdalena, a peccadora. Allusão aos que, tendo commettido qualquer erro, se arrependem de suas faltas.

Curul presidencial — Havia em Roma a cadeira curul, feita de marfim, em que se sentavam os primeiros magistrados romanos. *Curul presidencial* é, pois, a cadeira do Presidente da Republica, que, entre nós, embora não seja de marfim, é mui cobiçada.

Disputas, discussões bysantinas. Futilidades, polemicas sem importancia, questões em que se discutem cousas sem nenhum valor, deixando de lado as mais essenciaes e necessarias.

o imperio do Oriente, Bysancio, na sua decadencia, cultivou esse genero de questões theologicas e discussões subtis, donde a denominação de bysantinismo a questões futeis, subtillezas.

Vandalismo — Destruição. Os vandalas, povos destruidores, vindos da Germania, assolavam os paizes por onde passavam. *E' um vandalo*, expressão com a qual designamos uma pessoa que tudo destrõe, inimigo das artes e das sciencias.

O Brasil não é um feudo dos detentores do poder — Como entender esta phrase tão usada, sem o conhecimento da historia? O feudo era propriedade composta de terras que os reis na idade media davam aos guerreiros que se haviam notabilizado nos combates. Esses presentes eram denominados feudos ou beneficios. Suzerano era o que concedia o feudo e quem o recebia era o vassallo.

Machiavelismo — Systema politico preconizado por Machiavel, que tem como base a astucia e perfidia. Governo machiavelico, governo de perfidia, de ciladas e de hypocrisia.

Ainda ha juizes em Berlim — E' um verdadeiro proverbio que serve para revelar a existencia da justiça em um paiz. Frederico, rei da Prussia, queria ampliar o parque de Sans Souci. Mas era preciso destruir a propriedade de um moleiro, que se recusava a vendel-a, pois a tinha como um patrimonio sagrado da familia e dos seus antepassados.

Quando o rei ameaçou expulsal-o violentamente dos seus dominios, o moleiro replicou: "Bem sei, Magestade! Mas como tomar-me o moinho? Ainda ha juizes em Berlim". Frederico, orgulhoso e satisfeito por saber que seus subditos tinham convicção plena da justiça prussiana, desistiu do seu plano e mandou o moleiro em paz.

Waterloo — Empregamos esta palavra para exprimir a ruina completa de uma instituição ou de uma pessoa cuja prosperidade parecia eterna. E' allusão á batalha de Waterloo, fim da carreira brilhantissima de Napoleão Bonaparte.

Essa enumeração seria longa e eu não quero abusar da vossa paciencia. Falando a moças, eu terminarei esta serie com a celebre e poetica phrase de Cornelia, mãe dos Grachos, cujo exemplo deveis sempre imitar, pois foi uma grande educadora no lar, formando heroes para a Patria. Della se conta que, recebendo a visita de uma amiga da Campanha, esta lhe mostrou as suas joias custosas e raras. Pediu depois a dama rica, á filha de Scipião, que lhe mostrasse os seus adereços e ornamentos. Cornelia apresentou-lhe os filhos, dizendo-lhe: "Eis minhas joias e meus thesouros". Eis um typo ideal do amor

materno. Eis um typo ideal do amor á Patria. Os romanos ergeram uma estatueta em honra da matrona, com estes dizeres: *Cornelia mater Grachorum*. Poderia applicar a phrase do seguinte modo: "Barbara Heliodora, pobre, amargurada, despojada de seus atavios, das gemmas preciosas e do ouro colhido á flor da terra mineira podia, contemplando o perfil da filha querida, dizer aos tyrannos e oppressores, como aquella matrona romana: "Eis minha joia. Eis minha gloria. Eis meu thesouro. "Já dizem os cortezaões, com insultantes sarcasmos que a soberba mãe dos Grachos, depois de assistir corajosa á violencia brutal, extendeu os pulsos ás cordas de seda da hypocrisia". Neste trecho do notavel escriptor Francisco Octaviano de Almeida Rosa, extrahido da "Tribuna Liberal" —, a "soberba mãe dos Grachos" é "a formosa provincia de Minas, berço das ideas liberaes."

Assim, com estes exemplos, vistes intuitivamente a razão pedagogica do ensino de Historia no curso normal e que o estudo desta disciplina se impõe como uma necessidade ao jornalista, ao orador, ao conferencista, ao literato e sobre tudo ao professor. Poderia dar por terminada a minha tarefa e demonstrada minha these. Mas, ha, ainda, um aspecto mais importante a considerar. O ensino de Historia, feito no curso normal, será applicado de certo modo ao da Historia Patria, ramo destacado da Historia da Civilização.

Leccionando ás creanças, a professora muitas vezes se verá forçada, pela natureza dos factos, a referir-se á historia de outros povos. A nossa linda e suggestiva Historia Patria é um episodio interessante, é uma pagina encantadora do grande poema humano e da epopéa da civilização.

Por isso, já Eduardo Prado, o elegante e vibrante escriptor patricio, disse, com muita acerto: "Se alguém entre nós fizesse a experiencia de ensinar a um adolescente a Historia do Brasil, explicando-lhe successivamente os acontecimentos da Historia da Europa e pintando-lhe os seus personagens, á medida que em nossa Historia fossem apparecendo os efeitos daquelles acontecimentos ou a influencia daquellas figuras, esse adolescente acabaria sabendo não só a historia de sua patria, mas tambem quasi a historia completa do Occidente, do velho mundo, dos ultimos tres seculos."

Como poderá uma professora explicar, por exemplo, a descoberta do Brasil, sem falar nas descobertas maritimas, sem descrever um navio, sem fallar na bussola e até de certo modo na invenção da imprensa? Falando sobre Anchieta, esse mystico jesuita, amigo das feras e dos passaros que, em revolta, certa vez, vieram formar sobre a sua cabeça de santo, um docel

finissimo de plumas variegadas, para evitar o ardor dos raios do sol, o amigo do índio, mestre, dramaturgo dos sertões, a professora precisa conhecer a organização da Companhia de Jesus, consequencia da reforma de Luthero. Se uma creança lhe perguntar o que é um jesuita, estará apparelhada para uma resposta, dando-lhe uma ideia concreta, clara, precisa. Falando sobre D. João VI, a transmigração da familia real e as causas que concorreram para esse episodio, a curiosidade infantil suggerirá esta pergunta: "Porque D. João VI deixou Portugal e veio para o Brasil?" A professora responderá: Porque Napoleão mandara invadir Portugal". Mas, a creança, ainda não satisfeita, retrucará: "Quem era Napoleão?" Eis a professora ás voltas com a Historia da Civilização. A Inconfidencia Mineira, implicitamente, tem as suas relações com os phenomenos sociais que agitavam os povos. O dominio hollandez, é uma pagina de Historia da Civilização. O dominio hespanhol, a biographia de Felipe II, são paginas da historia universal, tambem relacionadas com a nossa.

Constantemente a professora de Historia Patria se verá forçada a lançar mãos de conhecimentos da Historia da Civilização para melhor concretizar as ideias de patriotismo, governo, sociedade e para fazer a creança entender e admirar a belleza das nossas instituições e a soberania incontrastavel da nossa raça, de bravos e indomaveis patriotas. Portanto, não poderá ser uma boa professora de Historia Patria a que ignora os grandes episodios das civilizações anteriores á nossa.

O ensino da Historia Patria, no curso primario, tem como principal fim despertar no espirito e na alma da creança o sentimento do patriotismo. Assim, o professor ou a professora, deve ter principalmente em mira a conquista das intelligencias infantis. O principal trabalho é concretizar esse estudo, atrahindo a atenção infantil, por meio de factos e episodios interessantes e narrações, de cuja messe é farta a nessa historia.

Despertar, portanto, a atenção da creança, aproveitar as suas qualidades imaginativas tão fecundas, a sua natural curiosidade, para inflamar-lhe o espirito de patriotismo, o orgulho santo da sua nacionalidade, que actuará na formação do seu caracter, eis o escopo desta disciplina educadura.

Não será, por certo, a decoraçáo das datas e dos nomes a finalidade de tal estudo, que assim seria um pesadelo e um tormento para os cerebros juvenis, dando-lhes uma concepção erronea do assumpto e da materia, desvirtuando assim o programma tão sabiamente organizado pelo governo mineiro.

Lançando mão de attractivos e encantos, narrações simples e singelas, o professor ministrará á creança as noções necessarias á formação de um futuro cidadão. Procurando cultivar o sentimento patriotico, o estudo da Historia do Brasil deve, sobretudo, se dirigir ao coração da creança, que deve ser ve sobretudo, dirigir-se ao coração da creança, para formal-o ao impulso dos nobres ideaes que fizeram a grandeza das gerações passadas e farão a felicidade das vindouras. Assim, o professor, depois de explicar a materia, terá o cuidado de provocar a narraçáo de um facto historico pelo proprio alumno, associando o estudo dessa materia ao da lingua patria. Para isso pedirá a biographia dos homens notaveis, feita pelo proprio alumno, com elle commentará os seus feitos, apontando-os como exemplos a seguir. Fará o alumno enthusiasmar-se por esses vultros, suas virtudes, destacando os seus serviços á Patria. Mostrará a gratidão que nos prende aos nossos antepassados, precussores que foram da nossa grandeza.

Insuflar na alma das creanças o civismo, plasmando-lhes o character no culto da familia e da sociedade, eis a nobre e elevada missáo da escola. Dramatizar, por assim dizer, a historia, apresentando os seus heroes, como num quadro vivo. A aula será o theatro. A Patria, o grande scenario onde os heroes surgem e apparecem, ensinando, educando. Ressuscitae o passado pela comparaçáo com o presente.

A musica e os hymnos patrióticos muito concorrem para facilidade da concretizaçáo dos episodios historicos. Assim, por exemplo, terminado o canto do Hymno Nacional, que as creanças entoam com tanto enthusiasmo, o professor dirá algo sobre o Brasil, a sua grandeza e a sua civilizaçáo, explicando a letra do hymno patrio.

Nas escolas activas da America do Norte, são muito communs as representações historicas. Uma scena assim interpretada é melhor comprehendida, dá á creança uma ideia mais concreta do facto. Além disto, estimula o alumno e torna-o desembaraçado. A leitura em classe, de narrações historicas e livros patrioticos, acompanhada de commentarios e explicações, é muito preconizada.

Qual a creança, que não sentirá orgulho da sua nacionalidade, não amará mais intensamente o Brasil, ao ouvir a leitura do "Porque me ufano do meu paiz", de Affonso Celso, livro admiravel, verdadeira biblia civica, que deveria ser espalhado nas escolas.

Outros meios praticos são: mappas, photographias, quadros, galerias de retratos, fitas historicas, excursões escolares aos monumentos e aos locais historicos, quando possivel.

As festas cívicas, sobretudo, influem muito para a educação patriótica da creança. Falando nestas nos vem logo á memoria os recitativos escolares, ás vezes enfadonhos e inexpressivos, tormento dos assistentes e martyrio das creanças. Quantas poesias e cançonetas, ás vezes futeis, e até inconvenientes, são balbuciadas pelas creancinhas em semelhantes sessões, que de cívicas só têm o nome. A's vezes, num festival escolar, em commemoração de uma data nacional, são cantados "Adios, muchachos", Ramona", "Torna soriento", e relegadas as canções patrióticas e preteridas as poesias cívicas de Bilac, os versos de Alberto de Oliveira, que exaltam a nossa terra, cantando suas bellezas!

Tudo isto deveria ser substituído por ligeiras scenas historicas, em prosa ou verso e tambem musicadas, que deveriam ser representadas pelos proprios alumnos. Isto seria salutar para a escola e para a sociedade em que o alumno vive. A nova orientação do ensino procura attrahir, para a escola, a sociedade. Felizmente, para honra desta casa de ensino, graças aos esforços do seu illustre Director e das alumnas do curso de Applicação, estas festas têm sido verdadeiramente cívicas. Assim, o ensino de Historia do Brasil será util e proveitoso. Só será digno cidadão o que conhecer a historia do seu paiz, das suas instituições e o exemplo dos seus patricios. No estudo desta materia a creança aprenderá a julgar os feitos dos nossos heroes e terá a convicção patriótica do seu verdadeiro senso moral. Só assim a creança aprenderá a amar o Brasil "com fé e orgulho", na expressão lapidar de Bilac.

Vejo em Minas uma nova Inconfidencia, tão nobre e gloriosa como a primeira.

E' a Inconfidencia contra o analfabetismo, contra a rotina. Minas republicana é a mesma heroica Minas ativa de Tiradentes. O scenario mudou, não se circumscreve mais aos morros de Villa Rica. Os novos Inconfidentes são os realizadores dos sonhos que animaram os primeiros martyres.

A nova bandeira da liberdade e da democracia foi desfraldada por Antonio Carlos no alto das montanhas e, como aquella cruz gloriosa que brilhou aos olhos de Constantino, vence não só em Minas, mas em todo Brasil.

O Andrada illustre, em cujas veias corre o sangue generoso dos Inconfidentes, transformou os senhos dos martyres de Villa Rica em realizações admiraveis, creando a Universidade de Minas Geraes, espalhando escolas e despertando as consciencias adormecidas, fazendo vibrar os corações no culto da democracia, que a todos garantiu pelo voto secreto. E entre os

nossos Inconfidentes se encontra Francisco Campos, o jurista inconfundivel, o pedagogo culto por excellencia, cerebro idealizador, alma guiadora desse movimento auspicioso.

O outro Inconfidente moderno é Mario Casasanta, que ora realiza e executa as reformas que a "Nova Inconfidencia" nos trouxe.

Essa triade gloriosa está construindo uma nova geração, dando-nos um professorado competente e sabio.

Os novos mestres da nova escola de Minas estão plasmando novos caracteres, edificando uma nova democracia, aliçada no civismo e na instrução, fazendo de Minas a invulneravel atalaia da liberdade.

Minas é a grande educadora do Brasil na hora presente.

WALDEMAR TAVARES PAES

(Professor da Escola Normal de Ouro Fino)

—x—

DONA EPHIGENIA

Donas Ephigenias ha muitas neste mundo. E das donas Ephigenias que são professoras ninguem sabe a conta.

A que vae servir de assumpto a esta pallida tentativa de chronica é, porém, a mais curiosa e ineffavel de todas as donas Ephigenias que são professoras e que existem por ahi a fora. Para mim é a unica. E' uma creatura tão rara e tão interessante que as pessoas não habituadas a lidar com realidades interessantes dirão que estou jogando, aqui, com aquella faculdade suspeita a que Malebranche chamava — "a louca de casa".

O certo é que d. Ephigenia existe, de facto, em carne e osso e há muito tempo. Ja assistiu á Terra percorrer, sessenta e duas vezes, seu caminho eterno. Quem conta dessas maravilhas é uma pessoa que, naturalmente, poderá contar muitas outras.

Há quarent'annos que d. Ephigenia é professora no Estado de Minas! Quanta cousa boa já fez no mundo! Que de azas tenras e medrosas já não encorajou a se distenderem aos grandes ventos da vida, para as lutas das migrações redemptoras!

Ella mesma fica abysmada ante o milagre da sua obra — ante a pujança dos jequitibás da sua estrada anonyma, quando os compara com as pequeninas sementes que atirou pelos caminhos... Sim, porque há medicos de nomeada, engenheiros celebres, advogados illustres, sacerdotes virtuosissimos — tudo feito na humilde officina da sua escola humilde!

Tudo sahido dalli, dentre as quatro paredes da sua modesta sala de aulas — tão modesta e tão gloriosa na incoherencia do aspecto e do destino como os sombrios e gloriosos tuguens em que nascem os Messias.

D. Ephigenia já está aposentada. Leccionava, até há pouco tempo, e de graça, aos filhos dos pobres.

Agora, porém, nem isso. Retiraram as creanças de d. Ephigenia porque dizem que ella está ficando doida.

D. Ephigenia mora num logarejo circumdado de collinas tristes e pardacentas, de um pardo sujo e triste de ferrugem e cinzas. Um poeta achacado de imagens classicas e bombasticas poderá comparar aquillo a um exercito carthaginez em quartéis de inverno. As collinas, rugosas e desordenadas, são os elephantes de Anibal. Descansam, sobre os chavascaes, as toneladas de seus corpos de monstros torturados pelos caprichos do monstro mil vezes mais monstruoso que se diz creado á imagem e á semelhança de Deus...

Mas deixemos essas visões lá com o hypothetico poeta. O que nos importa saber é que, dentro desse panorama punico, mora d. Ephigenia.

Quando ouvi fallar em d. Ephigenia fiz, naturalmente, as inducções que se podem fazer quando se ouve fallar numa professora de sessenta e dois annos, solteirona e metida lá nos cafundós da nossa terra.

Devia ser o typo classico da rotina. Uma creatura irritavel, apegada impenitentemente ao passado. Saia preta de cós, *bendegó* arqueando-se em canudo de parietal a parietal e uma rodilhazinha de tranças ruças ophidicamente accommodadas no alto da cabeça. E, como traços fortes do ridiculo, sobre tudo isso, os oculos e o *matinée* — essa especie de sobrepeleliza tão do agrado de certas matronas e que lhes dá o aspecto ecclesiastico de um velho cura em procissão. Principalmente quando usam saias pretas.

Isso a figura. Os habitos de d. Ephigenia deviam ser terriveis: creação de gatos ou de cachorrinhos; duzentas visitas diarias á igreja e, sobretudo, uma grande e profunda paixão por um papagaio insupportavel. Nas profundezas do seu *eu*, agarrado a um canto como os camelos mans dos desertos, o odio, o despeito contra as outras mulheres que vinham cumprindo na vida o destino da mulher, illuminadas pela maternidade ou emballadas pelos hymnos matinaes do amor.

—x—

Que surpresa, porém, me aguardava!

D. Ephigenia não é uma solteirona rabugenta e enfesada, dessas que fazem a gente pensar que deveria haver uma lei que permitisse ás industrias aproveitall-as para colla ou para sabão.

E' velha apenas chronologicamente. Mas seu espirito tem um esplendor tão suave e tão diaphano que as ruínas da sua physionomia banham-se na mais pura e doce claridade. A velhice, para ella, é, até a condição mesma da belleza. Ha pessoas iguaes ás ruínas: são bellas porque são escombros do que foram. Vistas á luz do sol da mocidade seriam vulgares e insipidas. Sob a luz fria e doce das noites de luar — quando a velhice é um claro e fresco plenilunio — ellas se mostram como as paizagens de . . . alter Scott. São outras tantas abbadias de Melrose. . .

D. Ephigenia é simples e sóbria em tudo. Vestido singelo, pobre e limpo. Cabellos apartados ao meio e enrolados em "coque" sobre a nuca. Muito alvos, muito sedosos. Alguma couca da cabeça de d. Thereza Christina. Boa prosa. Instrução regular. Espirito agudo. Sabe musica. Já desenhou e escreveu versos.

Conversámos durante quasi tres horas. E essas tres horas correram tão leves e tão depressa que até hoje estou na duvida se foram tres horas ou tres minutos. Contou-me toda a sua vida. E' uma pagina de empolgante belleza moral.

Foi para aquelle rincão pouco depois de formada, — aos 23 annos. Ali passou a mocidade, ensinando os filhos dos sertanejos. Teve, naturalmente, dentro da alma, canteiros de rosas perfumadas, viveiros de passaros barulhosos, bandos de borboletas doudejantes — porque tudo isso faz parte da alma sonhadora e feliz das moças de vinte annos. Amou e foi amada. Soffreu e fez soffrer. Esqueceu e foi esquecida. Mas, dissecada de tudo, — crestadas para sempre as flores juvenis da sua vida — sua grande alma resignada e generosa floresceu sob os gelos dos desenganos da velhice como as edelweiss sobre os cumes nevados das montanhas alpinas.

Sublimou a sêde innata de amor e de carinhos que o coração humano sente, amando as creanças, vivendo para ensinalas. Durante quarent'annos suas mãos bemfezidas acariciaram milhares de cabecinhas infantis. E d. Ephigenia—, que atravessou a vida solteirona e esteril, isolada entre collinas tristes, — foi mãe muitas mil vezes. . .

—x—

Quando deixei d. Ephigenia, trouxe commigo, dentro do coração, uma alegria tão radiosa e tão salutar que illuminou e animou toda a melancolia das paizagens que atravesssei.

Os campos que eu vira antes povoados de arvores nuas como esqueletos ou de palmeiras tragicas e desgrenhadas como

um bando de loucas a fitarem, estarecidas, o mundo de cupins redondos e lisos como craneos que davam ao quadro um aspecto dantesco — tudo se transfigurou á minha volta.

As arvores hirtas e nuas pareciam-me cobertas de fêtes de verdura; as palmeiras hystericas coroavam-se de luz e embalavam-se na tumultuosa orchestração dos melros e dos guachos que buscavam, nas suas comas balouçantes, a caricia dos ninhos. E os cupins, lisos e redondos como caveiras, agitaram-se, ondularam como rebanhos alegres de ovelhas disseminadas aqui e alli pelo esfumado das grotas e dos vallados. . . E' que veiu commigo a eloquente lição dum grande exemplo — a recordação duma vida toda dedicada ao bem alheio, ao sacrificio por um ideal tão puro e tão obsessivo que levava ao mysticismo.

—x—

Mas, afinal, porque motivo os roceiros acharam que d. Ephigenia está ficando doida e lhe retiraram os filhos das aulas?

O motivo é muito curioso.

Dona Ephigenia deu agora para escrever versos e compor musica.

Está com a mania de compor um hymno que — diz ella terá o nome de — *Accordes do coração*.

Não sei porque, metteu-se-lhe na cabeça a convicção de que a metempsychose é uma realidade. De então para cá, duas vezes por dia, ella vae assentar-se sob uma paineira que fica em frente a sua casa.

Alli fica, horas inteiras, com um papel e um lapis na mão, observando o passaredo que vem pousar nos fios que conduzem energia electrica para a villa.

Os fios, por uma coincidência muito interessante, são em numero de cinco que pautam, firmemente, uma grande nega do horizonte, um claro pedaço de ceo.

Os postes estão dispostos numa ordem tal que marcam, na grande tela, intervallos que são como compassos musicaes.

E os passaros, — andorinhas, tezoiras, canarios e joãos de barros — vêm pousar nos fios representando, para d. Ephigenia, as notas. Para ella, nos corpos leves daquelles passarinhos, estão as almas das creanças que morrem. E como não podem fallar noutra linguagem combinaram (porque muitas foram seus alumnos), dar a ella, todos os dias, uma prova de saú-

dade e de affecto, na linguagem divina da musica. Para isso se dispõem de modo que ella possa copiar para o papel o supposito hymno que lhe dirigem. O ceo é o papel. Os fios são as pausas. Os postes são os compassos e os pequeninos corpos que põem uma nódoa no pergaminho do firmamento côr de opala são as notas do "Accordes do coração".

O vigario do logarejo contou-me isso, commentando:

— Eu mesmo, como inspector escolar, aconselhei que lhe tirassem as creanças, porque ella está caducando... grande maluca, o senhor não acha?

Respondi-lhe com raiva:

— Grande maluca porque? Será, porventura, maluquice viver para um ideal, saturar-se de um grande e puro amor? Grande mystica, santa sublime, tão santa e tão sublime como Santa Thereza de Jesus... isto é que ella é.

AYMORE' DUTRA

Assistente tecnico do ensino

A DISCIPLINA NA ESCOLA

A disciplina é para a escola o que o thermometro é para o doente. Ella indica se a lição é bem ou mal conduzida, se a professora tem ou não aptidão didactica, da mesma fórma que o thermometro marca ao medico o estado febril do doente.

Aos desavisados, entretanto, diante de uma classe quieta, calma, aparentemente attenta, releva notar:

- 1.º — se a disciplina é imposta; e
- 2.º — se a disciplina decorre do interesse pela aula.

Em ambos os casos, poucos minutos da aula que se assista dão a explicação e a origem do facto.

A disciplina imposta existe se a professora, endossando as doutrinas arcaicas da escola *passiva*, occupa todo o seu tempo e encaminha suas lições pelo processo verbal: monologo impingido á pobre creançada que se immobiliza nas cartelas em completa estase espirital.

Diante de um quadro tal, adivinha-se logo a tragedia diurna que se desenrola na classe: sobrecenho carregado da professora, vara levantada sobre a cabeça imbelles da meninada, decoração obrigatoria, privação de recreio e mil e uma torturas que vincam, para todo o sempre, a alma das creanças...

A aptidão e os sentimentos da mestra, então, se revelam, lípidos, crystallinos, como um retrato que ella mesma pyrogravasse, por assim dizer, com o monologo da lição e com a tragedia intima da disciplina.

Vejamos agora a outra face da questão.

Se a professora dá liberdade a seus alumnos de manifestarem seus interesses; se satisfaz-lhes a curiosidade e desperta-lhes a actividade pessoal e productiva; se dá trabalho á classe e foge do verbalismo balofo, se, emfim, põe na *observação* a essencia do seu methodo — a disciplina faz-se natural, exponentanea e livre.

Sabe-se então que a professora é estudiosa e bôa, que o ambiente quotidiano é de trabalho, que a classe, emfim, não vive presa á *passividade*, mas em plena actividade productora.

A observação do assistente abarca, pois, em poucos momentos, as qualidades pessoais e intellectuaes da professora, e o seu juizo, seguro e justo, faz-se immediatamente; porque, se ha indisciplina na classe, se a professora não pôde conter as travessuras da petizada — é que as lições são mal conduzidas.

Cabe, portanto, repetir:

—A disciplina é para a escola o que o thermometro é para o doente.

LEVINDO F. LAMBERT.

(Assistente tecnico regional do ensino)

COTAS PEDAGOGICAS

I

Ainda ha pouco, sem livros que dessem á gente noticia conveniente das ultimas e vigorosas conquistas pedagogicas para fundamento indispensavel á execução dos trabalhos que se recommendavam a escola nova, assistimos a uma phase de incerteza, tão evidenciada pela prática de multiplos ensaios, mais ou menos cuidadosos, mais ou menos conscientes, todos bem intencionados, afinal.

Foram chegando os livros da vultosa encommenda e já hoje é verdadeiramente farta semelhante literatura, que nos veio da outra America, da França, da Italia e da Allemanha, esta riquissima, por via de traducções bem cuidadas.

Com ligeiras controversias, pequenas inversões ou modificações de technica, negocios que, afinal, difficilmente determinam conflicto entre as preciosas conclusões a que se tem chegado nos varios departamentos da pedagogia nova, já merecem ampla divulgação certos principios elementares, de todo indispensaveis, dictados pelos diversos autores nos centros de estudos acima citados, tão ricos de valores.

De maneira que é conveniente se accentue desde já que outro merito não tem este trabalho além da prévia leitura, paciente e cuidadosa, que procurámos fazer, antes da sua elaboração.

Aliás, neste campo tão vasto de trabalho, nada melhor do que a vontade de divulgar pôde recommendar os estudiosos do paiz, uma vez que ainda se nota por aqui falta absoluta de oportunidade para as indispensaveis observações pessoais.

Iniciando agóra longa serie desses *resumos*, julgamos de bons modos, parece-nos de toda oportunidade mesmo, uma referencia á creança, coisa tão ligeira que se enquadre aos moldes desta publicação.

A creança, nas diferentes phases da sua vida, apresenta-se sob os mais variados aspectos, nem sempre entendidos com acerto. Na escola de hontem, por exemplo, conservava-se

o habito quasi extravagante de conduzir a creança como si ella vivesse em um mundo perfeitamente igual ao nosso.

Vem dahi, desse erro inicial que a sciencia agora nos indica claramente, a tendencia, que se nota nos processos pedagogicos mais antigos, de actuar contra a rebeldia da creança para reduzir ao minimo possivel a sua puerilidade, para que ella se aproxime o mais possivel do homem *standard*.

E' humano, é bem louvavel o esforço, mas inutil. Principalmente inutil.

Efectivamente, o homem, tão insistente na sua vaidade, sempre considera o seu meio, os seus habitos e a sua educação como estados ideaes de aperfeiçoamento a que pôde e deve attingir a especie, estados *definitivos*, motivo por que a infancia é para elle uma especie de etapa defeituosa que a humanidade atravessa para chegar á maturidade.

Hoje já se demonstra o contrario. E com razões de sobra.

Assim é que áquellas theorias, ora inteiramente reformadas ou desmentidas, succederam outras que só admittem a confusão da creança com o homem no que se refere ao aspecto mais superficial de ambos. A creança para o estudioso de hoje não é mais o *adulto incompleto* dos outros tempos, mas um ser *sui generis*, que deve approximar-se do adulto — mas que só se approximar á convenientemente depois de longa serie de aperfeiçoamentos.

Procurando apoio em considerações intelligentes e de certo modo positivas, diz a nova pedagogia que o trabalho de aperfeiçoamento deve partir do primitivo, do concreto para o abstracto. Mas, si como ficou dito, a creança é *sui generis*, os methodos que se aconselham aos adultos são, certamente, maus para ella, que é *ser diferente* daquelle. Facilmente, então, concluram pedagogos esforçados que o trabalho da primeira educação deve ter um curso longo e demorado, deve obedecer a um systema diferente, a um systema qualquer que evite definitivamente, por um imperativo logico, a intervenção extemporanea do pensamento reflectido do adulto.

Já se encontrou caminho, que até agóra nos parece seguro.

Não falemos hoje, entretanto, das grandes realizações que tão depressa nos apresenta o methodo activo. Nem do processo intuitivo. Esses negocios exigem um estudo previo, embora ligeiro, sobre a actividade infantil e exame mais demorado da attenção, deste factor commum e indispensavel a todas as faculdades intellectuaes.

Trataremos depois do alumno em movimento, do alumno realizando, do exercicio repetido de quasi todos os sentidos, por meio dos trabalhos manuaes.

Sobre a importancia desses trabalhos, dizem os estudos mais modernos que as actividades manuaes, principalmente as constructivas, se apresentam espontaneamente na creança, porque são de natureza atavica.

Em abono dessa affirmativa, verificou-se por meio de demoradas pesquisas que as actividades primitivas da creança são precisamente as mesmas do homem primitivo. E a actividade manual — toda gente o sabe — foi para os nossos longinquos antepassados uma necessidade vital. Assim é que para as suas primeiras luctas contra tudo, o homem das cavernas deve ter sentido a necessidade imperativa de qualquer *desenvolvimento*.

Ora, a archeologia confirma ter sido manual a sua primeira actividade e confirma insophismavelmente quando nos dá noticia dos primeiros objectos de ataque e das primeiras armas de defesa que o homem fabricou.

Iniciava, de tal modo, o cultivo da sua intelligencia, tomando para ponto de partida a *intelligencia pratica*, para desenvolvimento posterior das outras faculdades.

VALLE FERREIRA

(Professor da Escola Normal de Maranhão)

A voz da pratica

Nesta secção serão acolhidos os trabalhos de colaboração do nosso professorado, bem como de outros funcionarios do ensino, desde que se coadunem com o programma da "Revista".

Aulas modelo

Centro de Interesse: A arvore

Falemos hoje, meus caros discipulos, sobre a arvore. Todos vocês sabem o que são as arvores. A laranjeira, o abacateiro, a jaboticabeira, a mangueira e todas estas plantas que fazem as nossas ruas tão bonitas, são arvores.

Ellas nos são de grande utilidade. Algumas nos fornecem fructas de que tanto gostamos; outras, alimentos, como a arvore do pão; outras nos fornecem fibras com que se fazem os nossos vestidos; outras nos fornecem substancias medicinaes para o tratamento de molestias; outras, lenha para as mãães cozinharem os nossos alimentos, isto é, o arroz, feijão, etc.; outras, madeiras para a construcção destas suas mesinhas, gangorras, caminhas, etc.

Acariciam-nos com sua sombra nos dias quentes do verão. Dahi vem, meus meninos, como nos são uteis as arvores e de um modo geral todos os vegetaes.

Meus meninos, vocês para viverem necessitam de alimentos, não é? Porque, se não se alimentas-

sem, morreriam. São tambem as arvores viventes como vocês, e, como viventes, necessitam de alimentos. Ellas se alimentam pelas raizes, tirando da terra as substancias que lhes são necessarias. E, quando estes alimentos se acabam, é preciso fornecel-os e dahi vem o habito de chegar-lhes os adubos. As raizes tambem têm o fim de segurar ou fixar as arvores no terreno; ellas têm diversas formas. Algumas, grossas no começo, vão se ramificando até terminarem em partes muito finas, chegando á grossura de um cabelo.

A outra parte da arvore é o caule ou tronco, que é a parte que fica fóra da terra e que sustenta os galhos ou ramos, as flores e fructos.

Os troncos ou caules constituem a madeira, com a qual se fazem as construcções, os moveis e tem a grande utilidade de, como lenha, aquecer-nos e cozinhar nos nossos alimentos.

Os galhos ou ramos, que partem de certa altura do caule, sustentam as folhas, flores e fructos.

As folhas que surgem nos ramos são de diversas cores, predominando o verde e têm diversas formas.

Nas arvores encontramos tambem as flores, que tanto encantam nossos sentidos pela variedade de cores: branca, azul, amarela, cor de rosa, etc. e pelo perfume quasi sempre agradável.

As flores completas contém diversas partes, mas a que mais prende a nossa attenção é a cha-

mada corolla, impressionando a vista e o olfacto: como a rosa, o cravo, etc.

Os fructos, alguns tão saborosos, como: a manga, jaboticaba, laranja, etc., contém as sementes que, como vocês sabem, plantadas, reproduzem novas arvores, e outras servindo para nossa alimentação.

Meus meninos, devemos agradecer, bendizer e louvar a Deus por nos ter dado a arvore, esse encanto, esse elemento tão util e humanidade.

MARIA JOSÉ PALETTA

(Professora do jardim da infancia "Mariano Procopio", de Juiz de Fóra).

Centro de interesse: o arco-iris

Professora: Já repararam no que apparece no céu, quando faz sol e chuva ao mesmo tempo? Você, Martha, não reparou?

Martha: Reparei, sim, pois uma vez Papae me mostrou. — "Apparece um arco muito bonito, com uma porção de cores.

Professora: E' isso mesmo, e sabem que nome tem este arco?

Julio: Eu sei: chama-se "Arco da velha".

Professora: Não, filhinho, não se chama assim, as pessoas da roça, atrazadas, é que lhe davam este nome.

Marli: Chamam tambem de arco-iris.

Professora: Muito bem, Maria, este é o seu verdadeiro nome.

(Apresentar ás creanças, um arco-iris desenhado a cores).

Olhem um arco-iris! que bonito, quantas cores elle tem, não é? — Este arco só apparece no céu quando acontece fazer sol e chuva ao mesmo tempo. — Chama-se arco-iris, por ser muito luminoso.

Essa palavra *iris* quer dizer: cheio de luz, brilhante.

Professora: Então Mario, porque tem o nome de arco-iris?

Mario: Porque é um arco muito luminoso.

Professora: Vamos contar as cores que tem o arco-iris.

Luiz: Eu já contei: tem sete cores.

Professora: Muito bem, o arco-iris tem sete cores.

Agora vamos ver quaes são as suas cores:

Primeiro mostrarei a vocês, prestem attenção, pois é preciso dizer em ordem, (apontando): roxo, anil, azul, verde, amarelo, alaranjado e vermelho.

Ouviram? Eu disse todas as sete cores.

Toda a classe vai dizer comigo: roxo, anil, etc.

Outra vez, mas não grite muito. Você irá dizer, José. . .

Você, Julio. . .

Bem, noutra aula repetirei com vocês esta lição e darei um arco-iris, com todas as cores separadas para que vocês formem direitoinho o arco, começando pelo roxo, anil, azul e assim por deante.

No dia em que fizer sol e chuva, chamarei vocês para verem um verdadeiro arco-iris.

JAYRA DE QUEIROZ TEIXEIRA

(Professora do Jardim da Infancia "Mariano Procopio", de Juiz de Fóra).

Centro de interesse: A casa

Para as creanças, principalmente para as que frequentam ainda o "Jardim da Infancia", é necessario que o ensino seja antes de tudo intuitivo, isto é, que a percepção, o conhecimento claro, directo e immediato das verdades ensinadas se façam sem grande auxilio do raciocinio. E isto para que a intelligencia infantil ainda

em desenvolvimento não se canse, não se fatigue, trazendo como consequência imediata o desgosto pelas lições, o aborrecimento e tédio durante as aulas. Assim sendo, utilizei-me de gravuras que representam um predio nas diferentes fases de sua construção e finalmente uma casa pronta e apta para ser habitada. Durante as explicações, as crianças tiveram ampla liberdade de perguntar, observar e falar sobre o que sabiam e sobre o que, em um predio, podia de qualquer forma chamar sua atenção. A aula tornou-se assim alegre, instructiva e interessante ao mesmo tempo.

Comecei por dizer-lhes que, quando queremos construir uma casa, a primeira coisa que temos a fazer é chamar um homem o architecto, (explicação da palavra) porque elle estudou e tem pratica da sciencia da edificação das construcções e elle fará a planta da casa, quer dizer, traçará numa folha de papel a representação da casa com suas diferentes subdivisões: quartos, salas etc., e o seu aspecto exterior. Feito isto, escolhemos um terreno firme onde os trabalhadores fazem excavações (explicação da palavra) muito fundas, onde collocam grandes pedras; é a isto que chamamos alicerces (explicação da palavra). Sobre estes é que se levantam as paredes externas do predio. As outras, as paredes que servem para dividir a casa em compartimentos são menos espessas e mesmo menos solidas. Depois é construido o soalho e collocado o forro e sobre este o telhado. Quando a casa é de dois ou mais andares, estes são postos em communicação por meio de escadas munidas de um corrimão, em que pegamos para não haver perigo de cahir. Neste ponto a construcção já está bem adiantada, mas é necessario que se colorem janellas e portas e que se leve a effeito a pintura da casa.

Um edificio, para obedecer ás regras da hygiene, deve receber em cheio os raios solares. Durante estas explicações, que foram feitas, como disse antes, com a cooperação da classe, fui mostrando as gravuras adequadas. Chegando a mostrar o predio pronto, disse: Bem, é este o edificio a que chamamos "nossa casa", ou melhor "nosso lar". Cada um de vocês tem o seu lar, a casa onde vivem o Papae, a Mãe e os maninhos, onde vocês são felizes, amparados, protegidos, amados. No lar, quando a criança sorri, seu sorriso transforma-se em raio de luz que illumina docemente o coração de sua Mãe e do pai, e chama ella ali está, Anjo da Guarda do lar, a secar seus olhos humidos, a fazer despontar em seus labios rosados o arco-iris de um novo sorriso. Falei-lhes então do amor que devem ter os meninos a seus Papae e irmãosinhos e a toda a sua familia, e ainda com o auxilio das gravuras, observamos as diferentes scenas de familia. Em terminando falei-lhes da escola, como o nosso segundo lar.

MARIA DE CASTRO CHAGAS

(Professora do jardim da infancia "Mariano Procopio", de Jiz de Fôra).

Instrucção moral

(Para o 2º anno primario)

Tenho notado que as aulas desta disciplina só interessam ás creanças, quando o proverbio ou maxima que queremos explicar vem precedido de fabulas e contos, mesmo simples e pequenos, sobre o ponto a tratar.

Nos dias de instrucção moral, costume aproveitar, quando o assumpto me é favoravel, algum trecho do livro de leitura. Foi o que fiz, quando dei esta

Aula

Professora — Minhas meninas, vou contar-lhes uma fabula.

Prestem attenção para poderem reproduzila ás suas amiguinhas, quando houver occasião.

"A rã convidou um ratinho a vir visital-a". Elza, você já viu alguma rã?

Alumna — Já, sim; ella parece um sapo pequeno.

P. — Isto mesmo; e você, Lourdes, com certeza, deve ter visto um ratinho, não?

A. — Muitos, professora. Lá em casa mesmo já vi muitos.

P. — Pois bem, é sobre elles que lhes vou falar agora.

Como já tinha dito, "a rã convidou o ratinho a ir visital-a. Como, porém, este não subse nadar, para chegar á casa da rã, esta lhe propoz ligarem-se os pés com um cordão, com intuito de afogal-o." Carolina, você acha que a rã procedeu bem?

A. — Não, senhora; ella foi até muito má.

P. — (continuando) — "Mal se viram sobre a agua, a rã tratou de arrastar para o fundo o pobre ratinho, o qual resistia em vão. Estavam nesta lucta, quando os avistou uma ave de rapina e os apanhou com o bico. A rã, não podendo desligar-se, foi tambem carregada pela ave, que devorou a ambos." Agora, a Clarita va dizer-me sobre quaes animaezinhos ouviu a historia de hoje.

A. — Sobre a rã e o ratinho.

P. — Maria, porque o ratinho resolveu ir á casa da rã?

A. — A rã havia-o convidado a visital-a.

P. — E depois?

A. — O ratinho não sabia nadar e a rã, para matal-o, amarrou os pés delle aos della.

P. — Continue, Clara.

A. — Quando a rã começou a nadar, tratou de arrastar o rati-

nho para o fundo da agua, e elle fazia esforços para não morrer afogado.

P. — E o que aconteceu depois, Eunice?

A. — Elles começaram a luctar sobre a agua. Nisto, passou uma ave e os apanhou com o bico.

P. — De que modo a rã foi castigada pela sua maldade, Nair?

A. — Foi comida tambem pela ave de rapina.

P. — O que é que nos ensina esta fabula? Vamos ver quem me sabe responder?

(Signaes de affirmação pela maior parte da classe).

P. — Diga você, Nadyr.

A. — Quem faz o mal é sempre castigado.

P. — Bem, mas eu vou escrever no quadro outra phrase, com o mesmo sentido da sua, que não está errada. (Escreve-a no quadro negro e lê: "Quem o mal faz, para si o faz".) Assim não fica melhor, Hercilia?

A. — Fica, professora. Eu tambem queria dizer, mas não sabia explicar bem.

P. — A rã fez mal ao ratinho e a si mesma, porque se não elle tivesse amarrado os pés aos seus, a ave teria apanhado somente um delles. Dahi, podemos concluir que não devemos, por nenhum motivo, fazer mal aos outros; não temos, absolutamente, necessidade de prejudicar ao nosso proximo. Além de ser uma falta de consciencia, de justiça, o mal ha de recahir, sem duvida, sobre a nossa propria pessoa. Podemos tambem applicar a esta fabula a maxima muito conhecida: "Não faças aos outros o que não queres que te façam". (Escreve-a no quadro negro).

A rã, com certeza, não quereria que a tratassem como tratou ao ratinho.

Na aula de escripta, vocês vão copiar estas maximas que eu es-

crevi no quadro negro, para que as gravem bem na memoria.

ELVIRA GORI

(*Estagiaria do grupo escolar de Ubá.*)

Emquanto as creanças brincam...

(*Palestra no grupo escolar de Lagoa Santa*)

Não ha melhor hora para se observar as creanças do que quando ellas se acham fóra da classe, depois, entretanto, o interesse vae ao ar livre e em plena liberdade. Quedo-me horas a fio a observar e registro sempre minhas observações.

As creanças brincam e sabem brincar tão bem que sinto, não raro, desejo de brincar com ellas, invejo mesmo daquella alacridade. Creanças timidas em classe, mal saem della, correm, brincam, comprehendendo mesmo que so fóra da aula é que podem expandir-se, viver realmente.

Tenho observado que as creanças preferem os brinquedos que guardam surpresas. Adoram os jogos — porém os de competição, cujo interesse augmenta a medida que o jogo prosegue, ao passo que nos outros o interesse decresce visivelmente. São tambem de grande effeito os brinquedos ruidosos; as creanças os abraçam com grande prazer e os preferem sempre. Pouco interesse manifestam pelo jogo ou brinquedo que não seja acompanhado de movimento. Isso bem indica a tyrannia que se impõe á creança quando a obrigamos a ficar horas inteiras inerte, braços para traz, a ouvir em religioso silencio as nossas preleções.

Brinquedos novos têm grande attractivo para a creança. Ella abandona todos os antigos e se prende só aos modernos, dias diminuindo e ella se volta para os

velhos. E' que a creança gosta de variar. Apprecia immenso a novidade. Não aprecia a monotonia, pois que, a sua attenção sendo demasiado movel, não se prende por muito tempo em coisa alguma. E' -lhe indifferente que o jogo tenha ou não regra, prefere, até, aquelles em que lhe é permitido agir mais livremente. Ha um jogo, muito interessante, em que a creança tem que escolher um officio. Observei que ella só escolhe aquelle que, na vida, offerece vantagens financeiras e social, regeitando, francamente, todos os outros. Conclui disso que, ao contrario do que eu pensava, a creança tem tambem ideal e será capaz de lucluar para conquistal-o. Ella aspira a muita cousa e é por isso que devemos estudar constantemente nossos alumnos, observando-os a todo instante para encaminhal-os, com segurança, na conquista do ideal ambicionado.

Em todo jogo ou brinquedo uns alumnos sempre tomam a frente: são os "leaders" do bloco, dão ordens, fazem observações, etc. Porque será isso? Penso que em uns é o instinto de commando mais desenvolvido e por isso não se submettem a um papel inferior. Outras vezes penso que seja por orgulho de fazer mais figura, de ser o chefe, o responsavel. A creança se ufana com a responsabilidade, se sente senhora de si e faz por merecer a confiança dos collegas que figuram em papel inferior. Ouço sempre dizer: "O brasileiro tem horror á responsabilidade". Minhas observações, entretanto, veem desmentindo isso, pois que, por ellas, tenho a certeza de que a creança sente immenso prazer quando se responsabiliza por qualquer cousa. Mas, a escola passiva, parece-me, é a grande culpada, porque, não conhecendo a alma infantil, offerece á creança uma posição secundaria, a humilde posição de paciente, suffocando, em logar de alimentar, de fortificar toda

a probidade de elevar o moral do alumno. A Escola compete educar a creança physica, intellectual e moralmente. Porém somente dando responsabilidade á creança ella logrará esse triplice fim.

Será ou não necessario que se ensine a creança a brincar? As minhas observações dizem-me que é imprescindivel, que é cousa de primeira necessidade, principalmente para os meninos. A creança possui um excesso de actividade, que deverá ser consumido no jogo ou no brinquedo. Quando a creança não conhece jogo ou brinquedo que se preste a sua idade e sexo e no qual poderá dar livre expansão ás suas tendencias, ella procura expandir-se, gastar a sua actividade em brinquedos perigosos, nocivos mesmo. Assim, os meninos, quando não encontram um jogo que lhes exercite a musculatura e promova o desenvolvimento physico, entregam-se a lucltas, jogam pedras, trepam nos muros, expandindo, destarte, as tendencias primitivas.

Urge, pois, que se ensine a creança a brincar, que se lhe proporcionem meios de desenvolvimento physico, que se lhe ensinemos jogos educativos, para que ella se edueque brincando. Deve o professor notar que sempre, sempre que uma creança se afasta das outras e procura, silencioza, isolar-se a um canto, é doente. A creança não pode viver sem brincar, sem jogar. Só quando algum defeito physiologico a impede. E' preciso, é urgente, que o professor tenha especial cuidado com o physico da creança, pois que ha relação intima entre o desenvolvimento physico e o intellectual, como bem affirma o proverbio latino:

"Mente sã em corpo são".

Expondo-vos, carissimas collegas, essas primeiras observações, convido-vos a collaborar commigo, transmitindo-me tambem as uteis observações que certamente tendes feito, auxiliando-me a solucionar graves problemas. Nem podeis calcular o quanto me perturba fazer uma observação e não encontrar na minha humilde bibliotheca nada que a justifique, nada que a esclareça, ficando, no meu espirito uma interrogação, uma unica infinita de perscrutar a alma infantil, de sondala, de comprehendel-a emfim. Somente poderemos comprehendel-a observando-a, observando-a muito. Por outro lado, vós, cujo espirito moderno vem abraçado com ardor os principios da Escola Activa, deveis ter bem em mente que jamais poderéis applical-a devidamente se não tiverdes por objectivo o estudo psychologico da creança.

Poderá, por ventura, alguém se metter a fazer construcções, pontes, estradas etc, sem nada conhecer de engenharia? A não ser que essa pessoa seja um genio, fracasará por certo. O mesmo se dá com o professor. Elle não poderá jamais educar efficientemente uma creança sem conhecel-a. E' pois, dever vosso estudar vossos alumnos.

Um estudo constante, alliado a uma observação continua, garantir-vos-á um controle exacto, perfeito, da psychologia infantil, podendo envidaeer-vos de auxiliar assim, de algum modo, a realizção da reforma do ensino ideal da pelo nosso grande Presidente Antonio Carlos.

NAIR STARBING

Daqui e dali

A bem da reforma

Olhae para a vida civilizada e vereis que a maior parte della consiste na sociabilidade e no trabalho. Não podemos viver isolados, vivemos uns com os outros, convivemos. Não trabalhamos só para nós, trabalhamos com os outros ou para os outros; colaboramos. Viver é, portanto, conviver, e trabalhar é colaborar. Dessas duas forças moraes resulta uma terceira, a solidriedade social, que as consolida, armando-as dos necessarios meios de resistencia.

Qual a lei que preside a todas essas forças? A lei suprema de Deus, conforme o preceito de Christo: "Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei". Augusto Comte exprime a mesma idéa sob esta forma: "No predomínio habitual do altruismo sobre o egoismo reside o grande problema humano". Outros, como Julio Payot, chamam-lhe a *lei de justiça*, que assim elle enuncia: "Quando dois ou varios homens estão em presença, o respeito mutuo deve reger suas relações".

De tão altos conceitos dimanam os deveres moraes. Religio e agnosticismo, consoante se vê, convergem ambos para dar á vida a mesma utilização dentro das raías do mundo terrestre. O problema dos deveres de cada um, embora estes apresentem modalidades differentes, unifica-se em seus fins sociaes e economicos. Por isso é que a escola moderna se caracteriza como escola de sociabilização, de trabalho e de solidriedade. A estes objectivos

devem servir as disciplinas escolares, que de tal modo prepararão um povo unido e forte, capaz de firmar o regimen da Justiça.

Deixando de haver taes forças moraes, a formula de justiça, "cada um segundo seu valor pessoal" continuará a ser um sonho. Mas, si a moral for socializada, a outra formula, que é a do egoismo, "cada um para si", ler-se-á dissipado. Estude-se uma nação civilizada, por exemplo, a Suissa, e verificar-se-á a verdade de minha asserção.

Faz-se necessaria, entre nós, a reeducação nesse sentido. Os servidores do ensino precisam de transformar-se para a poderem transformar as escolas. "A parte mais importante da educação, disse Channing, é enthronizar em nós o sentimento do dever". O dever de hoje impõe aos professores a socialização da escola como preparo dos alumnos para comprehender e servir a sociedade, cooperando na realização do lema de nossa bandeira.

O mesmo Channing nos diz: "Uma vontade energica faz muito do pouco, dá força a instrumentos fracos, desarma a difficaldade e até muitas vezes faz della um auxiliar". Depende dos professores, directores e assistentes despertar dentro de si essa vontade energica para ella converter em forças as fraquezas que por ventura possam existir.

A transformação reclamada pela nova escola começa no aproveitamento do tempo. Dirá cada um daquelles: "Todo o meu tempo, regra geral com poucas ex-

cepções é destinado ao estudo e ao ensino. Fazer cousa differente do que devo fazer, fazer mal o que faço ou não fazer nada, tudo isso é perder tempo. Entregar-me-ei ao meu trabalho com todo o esforço, procurarei fazê-lo do melhor modo possível e jámais ficarei na ociosidade".

A moral está principalmente em cumprir os deveres profissionais. Tratando-se do educador, essa afirmativa salta aos olhos e toma um sentido absoluto. O educador é o principal livro de seus alumnos, livro que ha de ser impecavel em cada uma das paginas.

A probidade profissional, eis o primeiro dever. Na obra presente ella está ligada ao espirito da reforma, com o qual o educador ha de identificar-se, procurando comprehendê-lo e realizá-lo. Novos estudos terá elle de effectuar, não apenas revendo as materias de ensino, porém penetrando na methodologia geral e na especial das mesmas.

Não devo, entretanto, terminar estas linhas sem uma observação. Lembro-me de haver lido que uma commissão de industrias francezas fóra visitar uma exposição na Alemanha, e ficara surprehendida de encontrar productos tão perfectos quaes os fabricados em França. "Como puderam rivalizar assim connosco?" perguntaram. E os allemães responderam: "Fomos ao seu paiz, trabalhamos nas suas fabricas e aprendemos com os senhores o que estão vendo."

Um professor da patria de Horacio Mann poderia fazer equal pergunta ás professoras mineiras, que, depois de proveitoso estagio em uma universidade norte-americana, aqui se acham applicando o que ali aprenderam. Ellas estão prestando ao Estado servicos inestimaveis.

A bem da reforma, permittame dizê-lo, seria acertadissimo

que o governo do Estado de Minas enviase nova turma, agora de professoras e professores, afim de cursarem, como as primeiras, a mesma universidade, onde souberam assimilar tão bem o ensino ministrado por educadores notaveis, principalmente as admiraveis concepções educativas desse genial pensador que é John Dewey. Bem escolhida que seja a turma, ella voltará, dentro de pouco tempo, para reforçar o trabalho de renovação educativa, dentro das linhas da actual reforma.

Os predicaes moraes do povo mineiro, cujas tendencias para a cooperação e para a sociedade são manifestas, poderão dar-lhe as qualidades alcançadas pelos norte-americanos, desde que professores intelligentes de nosso Estado sejam incumbidos de ir buscá-las.

FIRMINO COSTA
(Do Minas Geraes)

O momento educativo

Observação digna de ficar registrada é a do actual momento educativo no Estado de Minas.

O sentido de cooperação, despertado intelligentemente, vae-se desenvolvendo no magisterio primario. A vida isolada do professor tende a integrar-se na vida do professorado. Succedem-se os meios de aproximação e de convivencia: são os cursos de aperfeiçoamento que se abrem e reabrem, são as conferencias que se multiplicam, são os concursos, cada vez mais animados, da "Revista do Ensino".

Sente-se palpitar uma vida nova no trabalho educativo. Ha um contingente de professores e professoras identificados com as modernas idéas pedagogicas, ancio-

sos de conhecê-las mais e mais, observando, estudando e praticando. A transformação ainda não aparece em ponto grande, porque ella se está elaborando a pouco e pouco, conforme é natural.

Essa collaboração do professorado, que vem surgindo, operará sem duvida a solidariedade no vasto campo do ensino. Aqui e alli, já existem signaes dessa factos. Aliás, collaboração e solidariedade são factos coexistentes, que se reforçam um ao outro. Elles trazem consigo a socialização, mantida do melhor modo possível, porque se effectua dentro do trabalho educativo, que é o mais util e elevado.

Si não houver solução de continuidade nesse movimento tão promissor, mais intenso do que qualquer outro occorrido na vida escolar do Estado de Minas, é de crer que delle resultará necessariamente a autonomia do ensino primário e normal. Então, sob direcção technica, qual deve ser, o ensino ganhará o incremento necessario para garantir o progresso sob suas diversas fórmãs, que todas ellas dependem da orientação educativa.

Cooperação, solidariedade e autonomia constituem a triade, que ha de dirigir a nova organização da escola. Nem se pôde comprehender esta sinão totalmente socializada e autonoma. As experiencias anteriores, pelos fructos do presente, comprovam que a escola não deve ser ancilla da politica. Cumpre libertar a escola e conceder-lhe direcção technica, si nós queremos formar um povo livre, capaz de defender os seus direitos.

Mas, convem notar que de um espirito excepcional, tão admiravel no conceber tão prompto no executar, nem se precisa dizer-lhe o nome, tem derivado, em grande parte, o movimento promissor a que me refiro. Eu mes-

mo, que já devia estar na reserva, continuo em plena actividade. reanimado no meu intimo por esse devotamento inegalavel do executor da reforma. A's vezes, como que me sinto transportado aos tempos da reforma João Pinheiro, quando, de uma feita, percorri toda minha cidade, visitando os ricos, pobres e miseravets, para prégar-lhes os novos principios...

Está muito bem assim, não ha duvida, mas eu desejaria que da parte do professorado surgisse agora, muito opportunamente, a iniciativa da cooperação e da solidariedade. E si a Capital desse o exemplo de concretizal-a em uma grande associação pedagogica, unindo em mais fortes laços os varios institutos de ensino, que tanto a distinguem como cidade culta e progressista, teria prestado a reforma serviço inestimavel.

O intercambio de idéas entre todos os funcionarios do ensino precisa de realizar-se espontaneamente. Cada um dos institutos educativos, por maior que seja, ha de considerar-se uma familia escolar, que unida ás outras mais, formaria a cidade escolar devidamente socializada para a reciprocidade de serviços.

Dest'arte, a concordia entre os servidores da instrucção será uma bellissima realidade, tornando possível a mobilização permanente das escolas para eliminar de uma vez o analfabetismo. Visto que com tanto acerto se propugna a socialização dos alumnos, é consequencia necessaria propugnar-se a socialização das escolas.

O exemplo da Capital haveria de alastrar-se por todo o Estado, e tantas associações pedagogicas, confederadas entre si, levariam, dentro de pouco tempo, a todos os pontos do territorio mineiro, os ideaes educativos, que nesta

hora empolgam os paizes civilizados.

Nenhum professor quereria, em tal caso, parecer retrogrado, e o remedio estaria em estudar. Nenhum delles poderia ficar quieto, em seu canto, sozinho com a rotina, estiolando cerebros infantis. Cada qual delles teria de avançar como na guerra, ou então haveria de desertar, passando a escola a outro mais competente.

De outra sorte, sem cooperação, solidariedade e autonomia, a reforma não romperá caminho, terá de transigrir a cada passo com interesses extranhos, e os esforços, ora despendidos com tanta dedicacão, redundarão apenas em uma bella pagina de historia.

"A acção fecunda exige continuidade no esforço", disse Ingeniéros. A acção fecunda no ensino ahi está, mais do que nunca, transbordante de esforços. E' o conductor de homens que surgiu para ella, preparando no dia de hoje o dia de amanhã. Agora, o segredo está todo na continuidade. Descontinuar seria cortar a melhor esperanza da instrucção na terra mineira. Antes, é urgente fertilizar a terra para que essa esperanza produza fructos opimos.

A autonomia representa o adubo appropriado a esse fim. E' a maioridade do ensino publico que assim se decretará. Não ha temer, o presente está garantindo de sobra o futuro.

O ensino reclama essa promoção que lhe é devida, sob pena de manufazgar mais uma vez. E não se submerge impunemente, tomos nós sabemos, a instituição basica do progresso nacional.

Si com toda a razão combate-se na escola a rotina, norteando-se o ensino por estradas novas, hambrados de ar e de luz, igualmente não se deve admitir a velha carruagem fabricada pela centra-

lização administrativa. Aliás, é o complemento da reforma actual, sabiamente elaborada, o que agora está sendo exigido.

A autonomia, concedida na actualidade a quem de direito, firmará em bases indestructiveis o edificio da instrucção publica no Estado de Minas. Somente assim formar-se-á um povo forte nos seus deveres e nos seus direitos, que nos momentos supremos saiba impôr a sua vontade e não tolere jámais ser vilipendiado em seus nobres ideaes.

Só a autonomia escolar, imprimindo ao ensino direcção technica e patriótica, poderá dar ao povo, a par da independencia economica, a coragem civica que consolide na terra brasileira o regimen soberano do direito.

FIRMINO COSTA
(Do Minas Geraes).

Disciplinas coordenadoras

(Ao professor Raymundo Tavares).

Methodo é caminho: não se aborva o professor em olhar tanto para o caminho que venha a se esquecer do viajante, quero dizer, do alumno. Nem, por outro lado, tanto se demore em observar o alumno que não lhe deixa tempo de cuidar de si mesmo, expandindo-se á vontade. Antes de tudo, mantenha o professor a precisa serenidade: nem permanecer parado, nem andar correndo, porém, marchar com a classe para objectivos elevados.

As disciplinas escolares, por sua vez, não têm finalidade em si mesmas. Representam meios de condução para o pequeno viajante da escola. De que lhe servirá, por exemplo, estudar a

geographia de nosso paiz, si não transformar-se em cidadão prestativo?

Haverá por ventura, na organização escolar, disciplinas que possam ser coordenadoras das outras? Tão diferentes entre si a historia e a arithmetica, no entanto reunidas em uma casa de solidariedade, qual a escola se creza de ser! Como é que ellas hão de conciliar-se, harmonizando as linhas do edificio escolar? Claro está que este não pode ser deposito de materias, visto constituir a maior das construcções, que é a propria construcção da vida.

Mas, que será a nossa vida? Por toda a parte é ella, primeiramente, a profissão de homem. Aqui e alli, offerendo todos os cambiantes, desde o mais escuro até o mais nitido, os homens exercem a sua profissão, para o bem ou para o mal da humanidade. É impressionante a gloria de figuras que a historia nos apresenta, e é curioso o conjunto de pessoas que conhecemos...

Unir seus esforços aos da familia para fazer do alumno um elemento util á sociedade, eis o que á escola importa realizar no etípite á profissão de homem. São deveres moraes e sociaes, conhecidos e desempenhados, que constituem essa profissão. De taes deveres trata directamente a disciplina que se chama instrução moral.

Sob o nome de deveres civicos, depara-se-nos uma modalidde de deveres sociaes, que concerne á vida politica do paiz. Esses deveres, com os direitos correspondentes, preenchem a actividade do cidadão. Por isso mesmo que a escola deve formar do alumno um homem socializado, cumpre-lhe tambem convertel-o em cidadão prestativo. Esta parte pertence especialmente á instrução civica.

Ainda outro aspecto sobressae da vida, impondo-se á attenção da escola. É o trabalho, sem o qual ninguem será collaborador do progresso social. Não obstante a brevidade do periodo escolar, o tirocinio do trabalho torna-se imprescindivel na escola. Os trabalhos manuaes já se acham comprehendidos no programma, reclamando para as classes a officina e o horto escolar.

Homem socializado, cidadão prestativo, profissional operoso, são os objectivos para os quaes a escola terá de encaminhar os alumnos. Enquadra-se o primeiro na instrução moral; o segundo, na instrução civica; o terceiro, nos trabalhos manuaes. Estas tres materias servem para coordenar as demais. A ellas virão ler as outras disciplinas, correlacionando-se á vista dos alumnos.

É de notar que o programma primario presentiu o intuito coordenador. Elle inclui na instrução moral os deveres hygienicos, exprimindo-se desta forma: "O ensino não consistirá em explicar os referidos deveres, que isso pertence á aula de hygiene, mas em fazer cumprilos, o bem da saude, de que depende a realisação dos outros deveres".

Convirá dar idéa de como se ha de operar a coordenação. A moral dirá em uma de suas aulas: a leitura é para ler bons livros, extrahindo delles noções da vida; a leitura serve para resolver difficuldades, proporcionando ensinamentos adaptados a esse fim; a leitura destina-se a auxiliar o trabalho, expondo meios de melhor executação; a leitura facilita o estudo das demais disciplinas, fazendo-as accessiveis, independentemente de professor.

Dirá ainda a instrução moral: a arithmetica ensina, atraves dos calculos, a exactidão na vida; essa exactidão não se linai-

ta ás operações e aos problemas, porém atinge o intimo das transacções, que é a probidade; a arithmetica ensina que a conta do prejuizo deve ser tão exacta como a conta do lucro; a arithmetica é o reconhecimento da verdade, cujo triumpho ella proclama.

A instrução civica dirá: saber geographia e historia do Brasil é conhecer o nosso paiz para nos tornarmos brasileiros genuinos, tanto mais amigos da Patria quanto mais ella precisar de seus filhos; conhecer o Brasil é cooperar para o seu progresso, ainda que elle esteja representado numa pequenina povoação; comprehender o Brasil é penetrar nos problemas nacionaes, esla-duaes ou locaes, descobrindo-lhes as causas e concorrendo para a melhor resolução delles.

Os trabalhos manuaes dirão: a geometria e o desenho estão orientando a factura. Deste objecto, que sahirá bem acabado; as noções de cousas têm dirigido o cultivo deste terreno, cujos canteiros nos dão excellentes impressões.

E as tres disciplinas coordenadoras ainda se correlacionam, controlando-se mutuamente, interpenetrando-se, corporificando-se para a completa efficiencia dos objectivos collimados. Deste modo, a moral, o civismo e o trabalho apparecerão aos olhos dos alumnos como o plano de vida, que a civilização exige do homem educado. Assim interpetado o programma escolar, todos verão claramente o alvo a atingir e os meios de alcançá-lo.

FIRMINO COSTA
(Do Minas Geraes).

—
A escola nova

(A' alumna Aspasia Vieira)

Um dos mais eminentes creadores da escola nova é o notavel

pedagoga Jorge Kerschensteiner. As suas obras merecem ser lidas com attenção por todos os professores. Alguns de seus conceitos veem renovar inteiramente a orientação pedagogica até agora admittida. A propria finalidade da escola primaria não reside para elle em uma educação de caracter geral, sinão que se acha na formação profissional, ou, pelo menos, no preparo para a profissão.

Elle afirma que o "o educador jamais poderá educar o alumno, tendo cada um de adquirir por si mesmo a sua educação", e conclue dizendo: "A vida inteira é ou um processo de auto-educação constante, ou uma vida meramente animal, uma vida de lucta pela simples existencia".

A que fica, pois, reduzida, a função do educador? Ella se eleva, em vez de baixar, como á primeira vista pode parecer. Si fosse dada áquelle modificar o alumno á sua vontade, claro está que não precisaria de conhecer a psychologia do educando. A instrução que ministrasse, no caso de ser solida e conveniente, bastaria para transformar os alumnos em elementos sociaes de primeira ordem. Ao contrario disso, o mesmo educador *pode educar e deseducar*...

A função do educador consiste em proporcionar á classe os meios necessarios para que ella eduque a si mesma. Nesse sentido, cumpre-lhe aproveitar o interesse das creanças, fortalecendo-o, despertando-o, desenvolvendo-o, e coordenando-o em beneficio da aquisição de conhecimentos uteis, e bem assim converter, a pouco e pouco, o interesse em esforço cada vez mais effizaz, fazendo da escola um prolongamento do lar, uma officina de trabalho, uma sociedade em miniatura, dentro da indispensavel liberdade de acção e de multiplicas situações favoraveis,

de sorte que a propria classe estabeleça na aula a ordem, a puntualidade, a attenção e a regularidade do trabalho. Os alumnos terão, assim organizado a escola com a cooperação intelligente do mestre, a quem elles reconhecerão como o melhor de seus amigos.

"Algumas pessoas, diz Jesse Newton, têm interpretado mal a doutrina do interesse e do esforço, levando sua preocupação a tornar tudo interessante ao ponto de mera conformidade com os caprichos da creança. Essas praticas exaggeradas, que têm sido objecto de abundante critica, não representam de forma alguma o pensamento de Dewey. "Este expressa-se nos seguinte termos: "Nenhum motivo existe para entender que o professor não deva suggerir qualquer cousa á creança sinão quando esta tenha manifestado um interesse conscio em tal assumpto".

A escola nova surgiu simultaneamente em varios paizes, distinguindo-se pelas suas feições diversas, mas irmanando-se pelo seu caracter social. E' devéras admiravel a moderna concepção educativa, que se propõe a melhorar as condições da sociedade, norteando para a vida social e profissional as escolas de qualquer categoria.

Entre os meios educativos, que importa offerecer á classe, sobressae a socialização. Mas, convem lembrar, não é o professor que faz a socialização dos alumnos, são elles proprios que devem fazel-a. O tacto, a serenidade e a despreensão do mestre valem tanto nesse caso como o conhecimento do assumpto. Relevar deixar a classe agir, o que nem sempre succede, porque o professor se mostra mais apegado á sua auctoridade do que á livre manifestação dos alumnos.

Graças á liberdade de acção concedida ás alumnas-mestras, vão ellas socializando-se no Cur-

so de Applicação desta Capital. Ahi fundaram, no anno findo, o Gremio Litero-Pedagogico, que tem sido excellente factor de sociabilidade. Antes de tudo, acertaram em eleger para presidenta da associação a alumna Aspasia Vieira, que tem sabido dirigir o gremio com habilidade, solicitude e proveito.

O mais precioso fructo da socialização está no facto de irem as alumnas substituindo o espirito de rivalidade pela cooperação. Cada qual faz de sua parte o que pôde fazer, sem invejar a collega que tenha alcançado mais, antes compartilhando o contentamento della.

O pensamento de Kerschenskeiner, — "converter os centros de ambições individuais em outros de abnegação social", — será em breve uma realidade no Curso de Applicação desta Capital. O característico do Curso não será, principalmente, a organização de seu plano de ensino, mas o espirito social, o funcionamento interno, pelo qual sentir-se-ão reciprocamente unidos todos os que a elle pertencem.

Já se observa entre suas alumnas a disciplina que resulta do trabalho methodico feito em commum. Joviaes nas horas de recreio, é de ver a sua attenção nas horas de aula e de estudo. Os fructos, da escola nova ahi se encontram, dando alegria e movimento ao trabalho escolar, sem as exigencias de quietação da escola passiva.

A disciplina escolar de hoje não pôde satisfazer-se com a ordem externa na presença do mestre, substituida, ao voltar elle as costas, por tregeitos e momices dos alumnos. A disciplina de hoje ha de repousar na confiança mutua, no respeito reciproco, na sinceridade das manei-ras e na franqueza das opiniões, sem sombras de hypocrisia ou de lisonja. A escola passiva contenta-se com a ordem apparente,

apoiada no medo, brastas debaixo de cinzas, prestes a produzir incendio a qualquer vento de anarchia.

"Encontram-se pessoas muito bem intencionadas, nota Gaston Richard, que pensam ter dado aos filhos ou aos alumnos a melhor educação possível, quando lhes tem systematicamente interdito toda manifestação voluntaria. Para ellas, o menino é mal educado, sempre que se mostra capaz de querer, de pôr em pratica seus proprios fins, de resistir e de reagir; entretanto, essas mesmas pessoas julgarão que, para um homem, a passividade, a indolencia, a inercia e a falta de perseverança são disposições

menos honrosas. Ellas se esquecem de que a vontade não se des- envolve sem exercicio."

Felizmente a escola nova ahi está para despertar e desenvolver nos alumnos os sentimentos de iniciativa, de cooperação e de solidariedade. As alumnas do Curso de Applicação, eu acredito, tornar-se-ão professoras capazes de levar a effeito os principios da escola nova, correspondendo assim ás esperanças daquelles que trabalham pela sua educação profissional.

FIRMINO COSTA

(Do Minas Geraes).

B46-30-8-51

Origem: Doação

Preço: —